



Escola de  
**Formação de Professores  
e Humanidades**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA  
CURSO DE ARQUEOLOGIA**

**HIGOR GABRIEL DA SERRA**

**ESTUDO DO MATERIAL CERÂMICO DO SÍTIO GO-JU-07,  
ITAPIRAPUÃ-GO, PARA COMPREENSÃO DA TRADIÇÃO URU ATRAVÉS  
DA ÓTICA PROCESSUAL**

**GOIÂNIA**

**2023**

HIGOR GABRIEL DA SERRA

**ESTUDO DO MATERIAL CERÂMICO DO SÍTIO GO-JU-07,  
ITAPIRAPUÃ-GO, PARA COMPREENSÃO DA TRADIÇÃO URU ATRAVÉS  
DA ÓTICA PROCESSUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada a Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como um dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup> Me. Ludimília Justino De Melo Vaz.

**GOIÂNIA**

**2023**

#### FICHA CATALOGRÁFICA

SERRA, Higor Gabriel da

Estudo do Material Cerâmico do sítio Go-Ju-07, Itapirapuã-GO, para compreensão da tradição Uru através da ótica Processual / Higor Gabriel da Serra. Goiânia, 2023, 68 p.

Trabalho de Conclusão do Curso de Arqueologia – Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Escola de Formação de Professores e Humanidades, 2023.

1. Tradição Ceramista Uru.
2. Histórico Culturalismo.
3. Processualismo.
4. Sítio Arqueológico GO-JU-07.

HIGOR GABRIEL DA SERRA

**ESTUDO DO MATERIAL CERÂMICO DO SÍTIO GO-JU-07,  
ITAPIRAPUÃ-GO, PARA COMPREENSÃO DA TRADIÇÃO URU ATRAVÉS  
DA ÓTICA PROCESSUAL**

**Banca Examinadora:**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Me. Ludimília Justino de Melo Vaz – PUC Goiás

---

Examinador: Me. Ricardo Augusto Silva Nogueira – Universidade de Coimbra

---

Examinadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Rosiclér Theodoro da Silva – PUC Goiás

GOIÂNIA, 2023

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de dedicar este momento para expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que permaneceram ao meu lado durante esta jornada. Primeiramente, gostaria de agradecer à minha amada família por seu constante apoio e incentivo. Vocês sempre esperaram lá para me encorajar, mesmo nos momentos em que eu duvidava de mim mesmo. Agradeço de coração por todo o amor e suporte incondicional.

Também gostaria de estender meus agradecimentos aos meus amigos queridos: Valéria Testa, Elisa Maria, João Henrique e Domingos Souza. Vocês foram minha rede de apoio durante todo esse processo. Obrigado por suas palavras encorajadoras, e por transmitir energias positivas quando eu mais preciso.

Um agradecimento especial vai para a Vitória Guimarães. Sua presença constante ao meu lado, independente das dificuldades, foi um verdadeiro presente. Sua crença em mim e seu apoio inabalável foram fundamentais para minha perseverança. Sou imensamente grato por ter você como parte da minha vida.

Por fim, desejo expressar minha sincera gratidão à minha orientadora, Ludimília Justino de Melo Vaz. Sua orientação, sabedoria e paciência foram essenciais para a construção deste trabalho. Sua dedicação em me ajudar a desenvolver minhas ideias e aprimorar minha pesquisa foram fundamentais para a finalização deste TCC. Agradeço por compartilhar seu conhecimento e por acreditar no meu potencial.

A todas as pessoas mencionadas e tantas outras que mereciam estar aqui, minha gratidão eterna. Sem vocês, essa conquista não teria sido possível. Obrigado por fazerem parte da minha jornada acadêmica e por me incentivarem a alcançar o meu melhor. Sou profundamente grato e honrado por tê-los ao meu lado. Obrigado!

“Ser-se livre não é fazermos aquilo que queremos, mas querer-se aquilo que se pode”.  
(Jean-Paul Sartre)

## RESUMO

O presente trabalho de TCC aborda o sítio arqueológico José Severino dos Santos (GO-JU-07), que foi resgatado na década de 1970 por pesquisadores do Programa Arqueológico de Goiás. Esse programa seguia o enfoque Histórico Culturalista introduzido no Brasil por Betty Meggers e Clifford Evans nos anos 1960.

O objetivo principal deste trabalho é analisar o material cerâmico proveniente da Fazenda José Severino dos Santos, localizada no município de Itapirapuã, em Goiás. O sítio conta com 420 peças cerâmicas resgatadas na década de 70. Análises prévias indicaram que essas peças cerâmicas pertenciam a grupos associados à tradição Uru e à fase Itapirapuã, junto a outros sete sítios na Microrregião do Rio Vermelho (GO-JU-07, GO-JU-08, GO-JU-09, GO-JU-13, GO-JU-14 GO-JU-15, GO-JU-16).

Além de contribuir para o conhecimento da tradição Uru, este estudo também busca abordar algumas das metodologias dos trabalhos arqueológicos realizados no Centro-Oeste Brasileiro, afim de compreender os desdobramentos destes trabalhos iniciais. Foi também realizada uma reanálise para revisão e caracterização do material. Essa abordagem pretendeu explorar aspectos que anteriormente não foram observados e tomar conhecimento daqueles que levaram à definição da tradição Uru. Um exemplo disso é a constatação do Cauixi como tempero do material cerâmico analisado, que até então tinha sido percebido.

Dessa forma, este estudo visa compreender o estabelecimento da tradição Uru sob o aporte teórico do histórico culturalismo no Brasil e como metodologias mais recentes puderam contribuir para a análise de sítios arqueológicos.

**Palavras-chaves:** Tradição Ceramista Uru, Histórico Culturalismo, Processualismo, Sítio Arqueológico GO-JU-07.

## ABSTRACT

The present undergraduate thesis addresses the archaeological site José Severino dos Santos (GO-JU-07), which was excavated in the 1970s by researchers from the Archaeological Program of Goiás. This program followed the Cultural Historicalist approach introduced in Brazil by Betty Meggers and Clifford Evans in the 1960s.

The main objective of this study is to analyze the ceramic material from the José Severino dos Santos Farm, located in the municipality of Itapirapuã, in Goiás. The site yielded 420 ceramic artifacts excavated in the 1970s. Previous analyses indicated that these ceramics belonged to groups associated with the Uru tradition and the Itapirapuã phase, along with seven other sites in the Rio Vermelho Microregion (GO-JU-07, GO-JU-08, GO-JU-09, GO-JU-13, GO-JU-14, GO-JU-15, GO-JU-16).

In addition to contributing to the knowledge of the Uru tradition, this study also aims to address some of the methodologies used in archaeological research in the Brazilian Midwest, in order to understand the developments since those initial works. A reanalysis was also conducted to review and characterize the material. This approach aimed to explore aspects that were not previously observed and to gain knowledge about those that led to the definition of the Uru tradition. One example of this is the identification of Cauixi as a tempering material in the analyzed ceramics, which had not been noticed before.

Thus, this study seeks to understand the establishment of the Uru tradition within the theoretical framework of Cultural Historicism in Brazil, and how more recent methodologies have contributed to the analysis of archaeological sites.

**Key-words:** Uru Tradition, Cultural Historicism, Processualism, Archaeological Site GO-JU-07.



## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS:

<u>Figura 1 - Mapa do Município de Itapirapuã.....</u>	18
<u>Figura 2 - Mapa reproduzido a partir dos documentos do Sítio GO-JU-07.....</u>	20
<u>Figura 3 - Croqui Original do Sítio GO-JU-07.....</u>	21
<u>Figura 4 - Versão 2017 - Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú. ....</u>	33
<u>Figura 5 - Mapa do Município de Itapirapuã sobreposto no mapa Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú.....</u>	34
<u>Figura 6 - Restos esqueléticos de espongiários de água doce. ....</u>	41
<u>Figura 7- Registro fotográfico da utilização do gabarito para obtenção do Diâmetro de uma Borda.....</u>	51
<u>Figura 8 - Registro fotográfico da Realização da Colagem de Fragmentos Cerâmicos.....</u>	52

## **GRÁFICOS:**

<u>Gráfico 1 - Categorias do material cerâmico.....</u>	53
<u>Gráfico 2 - Técnica de Manufatura .....</u>	54
<u>Gráfico 3 - Tratamento de superfície interna .....</u>	55
<u>Gráfico 4 - Tratamento de superfície externa .....</u>	55
<u>Gráfico 5 - Tipos de Queima.....</u>	57
<u>Gráfico 6 - Marcas de uso .....</u>	58
<u>Gráfico 7 - Tempero (Antiplástico).....</u>	60
<u>Gráfico 8 - Forma do Lábio.....</u>	61
<u>Gráfico 9 - Espessamento da Borda.....</u>	62

**TABELAS:**

Tabela 1 - Tipos de queima .....57

## SUMÁRIO

<b>Resumo .....</b>	<b>6</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>1 CAPÍTULO 1 – Levantamento histórico e documental .....</b>	<b>15</b>
1.1 Contextualização do Sítio GO-JU-07 .....	17
1.2 Fases e Tradições .....	22
1.3 Estudos Etnográficos e a Tradição Uru .....	22
1.4 Cultivo e Processamento da Mandioca .....	30
1.5 Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú .....	32
<b>2 CAPÍTULO 2. Diretrizes teórico-metodológicas no estudo da tradição Uru.....</b>	<b>35</b>
<b>3 CAPÍTULO 3. Reanálise do material cerâmico.....</b>	<b>49</b>
3.1 Etapa de Gabinete: .....	50
3.2 Etapa de Laboratório (Análise): .....	50
3.2.1 Análise do Material Cerâmico.....	52
3.2.2 Tempero (Antiplástico).....	58
3.2.3 Análise de Borda.....	60
3.2.4 Análise de Base.....	63
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

No estado de Goiás, o Programa Arqueológico de Goiás foi uma iniciativa abrangente que teve inicialmente cinco projetos principais: Paranaíba, Alto Araguaia, Serra Geral, Médio Tocantins e Ilha do Bananal. Cada um desses projetos tinha como objetivo realizar pesquisas arqueológicas em áreas específicas do estado, buscando investigar e documentar o patrimônio arqueológico presente nelas. É importante ressaltar que este trabalho focará principalmente no projeto Alto Araguaia.

O projeto Alto Araguaia foi uma das vertentes fundamentais do Programa Arqueológico de Goiás. Sua área de estudo abrangia a região do Alto Araguaia, localizada no sul de Goiás, que até 1988 contava com a área que hoje é Tocantins. A equipe de arqueólogos e pesquisadores concentrava seus esforços nessa região específica, buscando compreender a ocupação humana pré-histórica e histórica da área.

No decorrer do projeto Alto Araguaia, foram realizadas diversas atividades, como pesquisas de campo, escavações arqueológicas, análise de materiais e registros dos sítios arqueológicos encontrados. O foco principal era catalogar e estudar os vestígios arqueológicos presentes nessa região, buscando compreender as diferentes tradições e fases de ocupação humana ao longo do tempo.

No entanto, é válido mencionar que o Programa Arqueológico de Goiás enfrentou desafios ao aplicar uma abordagem classificatória, baseada na perspectiva Histórico Culturalista Americana, em uma região tão vasta como o Centro-Oeste do Brasil, com suas diversas tradições culturais e fases arqueológicas. A diversidade da região demandava uma análise cuidadosa e adaptada à realidade local.

Além disso, os sítios arqueológicos escavados nas décadas de 1970 e 80 em Goiás apresentam desafios adicionais devido às limitações tecnológicas da época. A falta de recursos avançados, como o uso do GPS e metodologias que possibilitassem a interpretação da distribuição do sítio, dificultando a precisão na localização dos sítios e a obtenção de informações detalhadas a respeito do sítio. Apesar dessas limitações, esses estudos pioneiros foram

fundamentais para estabelecer as bases do conhecimento arqueológico sobre os povos originários da região.

O sítio arqueológico José Severino dos Santos, identificado como GO-JU-07, localiza-se no município de Itapirapuã, na Fazenda São José, em Goiás. Foi descoberto em maio de 1974 pelos pesquisadores Altair Sales Barbosa e Mário Arruda da Costa, como parte do Programa Arqueológico de Goiás. O objetivo deste trabalho é utilizar o material arqueológico cerâmico resgatado nesse sítio na década de 1970, para contribuir com o conhecimento arqueológico a respeito da Tradição Uru, considerando as limitações dos métodos utilizados no passado, e formulando sugestões para uma análise mais detalhada e abrangente. Portanto, objetiva-se aprofundar o conhecimento sobre a tradição Uru por meio da reanálise do material arqueológico do sítio GO-JU-07.

Para o presente trabalho, foram realizadas diversas etapas de pesquisa e análise, examinando cuidadosamente o material arqueológico disponível no Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Além disso, foram revisadas as documentações relacionadas ao sítio e pesquisas bibliográficas abrangentes sobre a tradição Uru.

Para enriquecer o estudo, foram consultadas obras que abordam sítios semelhantes e pesquisas relacionadas à tradição Uru, proporcionando informações complementares. O trabalho também discute diferentes abordagens metodológicas, principalmente o enfoque processualista, para compreender a cultura material e os contextos de uso das cerâmicas.

Foram consultados trabalhos ligados à tradição Uru, como os estudos realizados por Schmitz e Barbosa (1985), que apresentavam os sítios definidos como fase Itapirapuã, assim como os trabalhos etnoarqueológicos possibilitando o breve entendimento de como viviam grupos que tiveram seus artefatos cerâmicos associados ao conhecimento Uru, como os Carajás e os grupos Bororos. Além disso, foram consideradas pesquisas que realizaram um amplo levantamento de sítios arqueológicos na região do Brasil Central que pudessem contribuir para o entendimento da Tradição Uru e outras que puderam ser associadas, proporcionando um maior entendimento da relação entre tradições e grupos de outras tradições.

Neste trabalho, busquei contrapor o método Histórico Culturalista, explorando os métodos Processualistas como alternativa, observando que apresentam abordagens estratégicas mais sofisticadas que contribuem para o avanço e entendimento da arqueologia brasileira.

## **1 CAPÍTULO 1 – LEVANTAMENTO HISTÓRICO E DOCUMENTAL**

Dentro do processo de investigação do Programa Arqueológico de Goiás, a abordagem Histórico Culturalista Americana cumpriu bem a sua função, dado ao contexto da época e os objetivos. Era de grande importância encontrar e catalogar os vestígios arqueológicos presentes no estado com agilidade, portanto a ferramenta de fases e tradições foi de fato útil para gerar bases para um conhecimento amplo dos sítios arqueológicos no Brasil. Estes estudos, constataram no Centro-Oeste as tradições Una, Uru, Aratu, Tupiguarani, Inciso Ponteadas, Bororo e algumas outras poucas exceções (VIANA, S A *et al*, 2013), entretanto, esse meio de classificação apresenta algumas lacunas, correndo o risco de ser generalista quando o objeto de estudo em questão é uma área extremamente grande como é o Centro Oeste com aproximadamente 1,612,000 km<sup>2</sup>, englobando Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, é visível a limitação do método classificatório.

É importante ressaltar a dificuldade de se trabalhar com sítios escavados na década de 70 e 80 no estado de Goiás, pois os recursos tecnológicos nas décadas passadas não eram tão avançados quanto os que hoje existem e são empregados para o desenvolvimento e plotagem do trabalho Arqueológico, em muitos casos, estudar um sítio de décadas passadas somente utilizando de registros realizados em campo vem a ser uma limitação como pode ser visto na citação abaixo, o GPS, que hoje é uma importante ferramenta de trabalho do arqueólogo só foi incrementado nas pesquisas brasileiras décadas depois da descoberta deste sítio que abordo nesse presente trabalho.

Os sítios arqueológicos do Estado de Goiás, que estão cadastrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em modos de formulário, são de acesso público e, a atualmente, consta cerca de 1.235 sítios arqueológicos pré-coloniais. Um grande

contingente destes formulários não possui informações sobre a localização georeferenciada dos sítios, tendo em vista que o uso do GPS na pesquisa arqueológica no Brasil se deu a partir da década de 1990. Assim grande parte dos mapas em grande escala, de localização baseia-se em informações pouco precisas. (VIANA, S, A *et al.*, 2013, p. 109).

A arqueologia passou por processos de mudança nos últimos 50 anos, mas, apesar de ser necessário uma nova avaliação das metodologias do passado, precisamos compreender que estes estudos foram a base das sínteses elaboradas sobre a história arqueológica dos povos originários.

Indo além da questão metodológica, o objetivo dos trabalhos arqueológicos em Goiás na década de 70 voltavam-se para descoberta de sítios e o encaixe dos mesmos em uma seriação tipológica dentro do interesse Histórico Culturalista de fases e tradições, O material resgatado nesse período se encontra seguro aguardando novos estudos, porém é inevitável pensar que os estudos futuros estarão limitados ao tipo de coleta e de informações que foi realizado no momento da pesquisa. O interesse da arqueologia realizada atualmente, tais como, o estudo detalhado da cultura material em busca de compreender maneiras de produzir e funções dos artefatos, a interrelação dos artefatos com o meio, as atividades desenvolvidas dentro e fora do sítio, as mudanças e as razões dessas transformações estão limitadas pela forma como foram desenvolvidos os estudos no início da arqueologia em Goiás.

Têm sido desenvolvidos métodos mais apropriados de pesquisa de sítios que possam permitir uma exploração mais eficiente de vestígios arqueológicos. Os avanços tecnológicos e metodológicos em todas as áreas do conhecimento nos últimos 50 anos são evidentes, no entanto, este Trabalho de Conclusão de Curso pretende revisitar o material arqueológico pertencente ao sítio GO-JU-07, para a compreensão os traços distintivos da tradição Uru como foi estabelecida, quais as suas características e abrangência espacial.

Dentro do estudo investigativo da arqueologia, como perspectivas que podem contribuir para um entendimento da tradição Uru.

Sendo assim, este trabalho delineou como objetivo geral o aprofundamento nas referências sobre a tradição Uru, incluindo a análise



Tecnomorfológica do material cerâmico do sítio GO-JU.07, a fim de obter uma melhor compreensão da tradição Uru.

Para alcançar este propósito, foram elaborados os objetivos específicos:

- Analisar o material arqueológico disponível no laboratório de arqueologia do Instituto Goiano de Pré-História e antropologia (IGPA) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
- Revisitar toda documentação disponível do sítio GO-JU-07.
- Realizar o levantamento das obras que citam o sítio GO-JU-07 que possam se correlacionar com o material de estudo a fim de gerar melhor contextualização da região e contribuir de forma sistemática para uma caracterização do sítio e da tradição Uru.
- Realizar levantamento sobre a tradição Uru em fontes bibliográficas que permitam compreender a constituição dessa tradição e sua distribuição espacial.
- Realizar levantamentos em fontes etnohistóricas e etnoarqueológicas da região em que a Tradição Uru é mencionada para avaliar a possibilidade de continuidades históricas das culturas indígenas.

### **1.1 Contextualização do Sítio GO-JU-07**

O objeto desta pesquisa é o material arqueológico cerâmico resgatados no sítio José Severino dos Santos sobre a sigla de GO-JU-07, município de Itapirapuã (Figura 1), na Fazenda São José, e identificado pelos pesquisadores Altair Sales Barbosa e Mário Arruda da Costa em maio de 1974 através do Programa Arqueológico de Goiás e pesquisado por Pedro Inácio Schmitz, Altair Sales Barbosa, Irmild Wust, José Proenza Brochado (Schmitz *et al.*, 1982).

Objetiva-se neste trabalho utilizar do material resgatado em um sítio da década de 70 para compreender o que pode ser feito para contribuir com o conhecimento arqueológico dentro das limitações dos métodos passados, para isso, foi escolhido um Sítio de proporções pequenas, localizado em uma área de fazenda onde provavelmente se encontram inteiramente antropizada como poder ser visto nas informações abaixo:

Segundo a documentação consultada, o sítio José Severino dos Santos estava localizado a 12.500 metros do Rio Vermelho nas proximidades do Córrego Guerobal, e ocupava uma área aproximada de 145 por 160 metros. Uma breve análise do material cerâmico publicado no Anuário de divulgação científica 1976/1977, indicou que a produção ceramista estava associada à tradição Uru e à fase Itapirapuã, portanto, referia-se a grupos horticultores (Schmitz; Barbosa; 1985).

Figura 1 - Mapa do Município de Itapirapuã



Fonte: ABREL, 2006. Adaptado por: Higor Gabriel da Serra, 2023.

Geologicamente, a região abordada teve sua formação no Pré-Cambriano, e tem predomínio de formações granito-gnáissicas, e a geomorfologia local é ondulada tendo o predomínio do Latossolo, (presente em

grande parte do estado de Goiás), apresentando altitudes entre 500 e 800 metros (SCHMITZ *et al.*, 1982).

Segundo o Anuário de Divulgação Científica (1976/1977), coordenado por Altair Sales Barbosa, os sítios da fase Itapirapuã apresentam pratos para, sendo esses possíveis assadores utilizados na produção de beiju, grandes tigelas com bordas reforçadas e jarros que foram interpretados e atribuídos as funções de fermentação e conservação das bebidas.

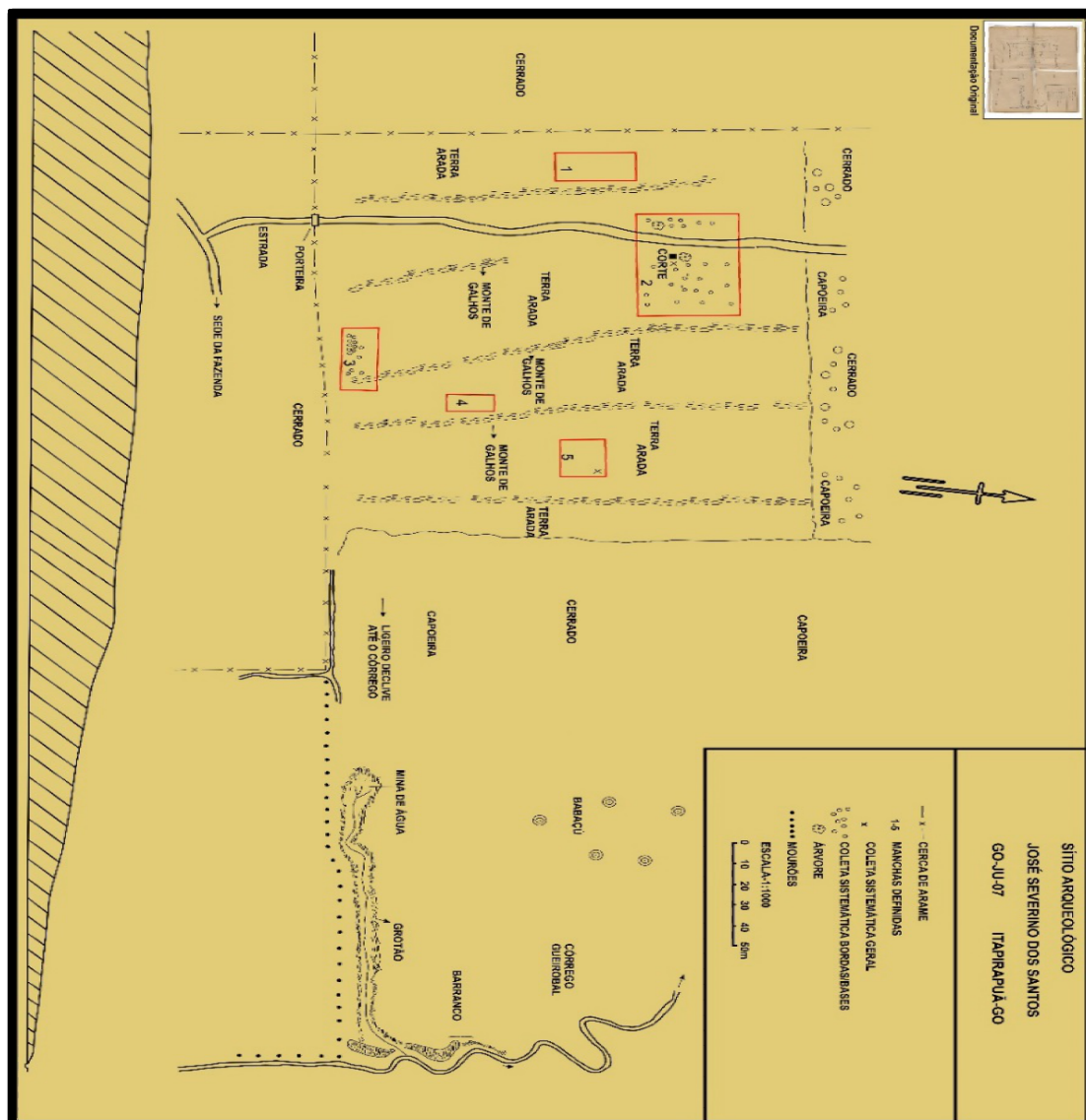
Os autores que realizaram os primeiros estudos cerâmicos nessa região evidenciaram que a fase Itapirapuã é encontrada em sete sítios localizados na micro região do Rio Vermelho, sendo estes: GO-JU-07, GO-JU-08, GO-JU-09, GO-JU-13, GO-JU-14 GO-JU-15, GO-JU-16, e estão distribuídos na vertente direita do alto Araguaia no entorno dos municípios de Jussara e Itapirapuã (Schmitz; Barbosa; 1985), de onde foram retirados um total de 3.200 fragmentos cerâmicos, sendo estes 2.604 de 14 coletas sistemáticas e 596 de 15 coletas não sistemáticas, estes não foram submetidos a nenhuma datação de Rádio Carbono.

O material estudado neste trabalho referente ao sítio GO-JU-07, se encontra no acervo arqueológico do IGPA armazenados em caixas arquivo azuis agrupadas por sítio. A documentação relacionada ao sítio corresponde ao Catálogo, à Ficha de Caracterização de Sítio, desenhos das peças e croquis desenhados a mão.

O croqui realizado durante o trabalho de campo evidenciou o alto grau de antropização do sítio, estando localizado exatamente em uma área de atividade agrícola envolto em terra arada, a vegetação corresponde a áreas de Capoeira e Cerrado e está aproximadamente a 170 metros do curso hídrico Córrego Gueirobal. (Figura 1 e 2)

No local foram realizadas cinco coletas sistemáticas (manchas 1 a 5), sendo duas destas coletas sistemáticas de Bases e Bordas, duas coletas sistemáticas gerais e também um corte realizado na “mancha 2”.

Figura 2 - Mapa reproduzido a partir dos documentos do Sítio GO-JU-07.



Fonte – Refeito por Higor Gabriel da Serra (2023) do croqui original presente no acervo documental do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA).



solo. Na segunda camada, foi observado grande quantidade de laterita compactada, uma coloração alaranjada e alta bioturbação, ausência de material arqueológico.

## **1.2 Fases e Tradições**

O conceito de fase é uma unidade taxonômica básica que leva em consideração as unidades cultura, espaço e tempo, dentro da etnografia, fase é similar a ideia de sociedade, um grupo relativamente pequeno ligado a comunidades fechadas não tão persistentes no tempo quanto a ideia de tradição Rodet, *et al.*, (2011). A arqueologia determina as fases através dos vestígios materiais, as análises Cerâmicas e Líticas vão caracterizar a produção de artefatos em seu contexto espaço tempo.

Para Betty Meggers e Clifford Evans (RODET, *et al.*, 2011), as Tradições tendem a persistir por mais tempo e ocupar regiões mais extensas que as fases, segundo os mesmos autores, o material cerâmico é ideal para aplicar o conceito de fases e tradições, já que geralmente aparecem em grande densidade e carregam uma grande variedade de características como tempero, tratamento de superfície, decoração e forma do vasilhame. Portanto, todas essas variações possibilitaram a aplicação de um método por amostragem que comparado à outras amostragem configuram um sistema taxonômico.

## **1.3 Estudos Etnográficos e a Tradição Uru**

No contexto europeu e norte americano, o histórico culturalismo foi uma corrente teórica que dominou a arqueologia até a década de 1960 e que se concentrava na identificação de culturas antigas a partir de suas manifestações materiais, utilizando-se principalmente da análise estilística e tipológica dos objetos. Já os trabalhos processuais propoem uma abordagem mais sistemática e científica para a análise dos vestígios arqueológicos, com ênfase nos processos sociais, econômicos e tecnológicos envolvidos na produção, uso e descarte de objetos. No Brasil, essa abordagem foi utilizada por Meggers e Evans (1970) para realizar extensos levantamentos de sítios e caracterização

da cultura material nos anos de 1960 e se estende até por volta da década de 1990.

Os trabalhos etnoarqueológicos de Irmhild Wüst (1975; 1999), adotaram uma abordagem distinta do modelo histórico-cultural predominante, através deles foi possível estabelecer conexões entre grupos indígenas contemporâneos e sítios arqueológicos. Além disso, pesquisadores como Brochado (1999) e Robrhan (1996) também contribuíram para esse campo de estudo, dedicando-se a compreender o deslocamento desses grupos. No entanto, Wüst foi além e buscou compreender não apenas o deslocamento, mas também a espacialidade do sítio arqueológico, explorando as relações entre as características do local e as práticas culturais dos grupos indígenas. Esses estudos demonstram a importância de abordagens múltiplas para compreender a tradição Uru e sua relação com o contexto arqueológico.

Na década de 1970, a pesquisadora Irmhild Wüst desenvolveu trabalhos arqueológicos que se aproximavam mais dos trabalhos processuais. Dessa forma, os trabalhos de Wüst (1975, 19) se destacaram por adotar uma perspectiva mais processual e menos descritiva, principalmente pela utilização de trabalhos etnográficos nas pesquisas arqueológicas.

O estudo etnoarqueológico de Irmhild Wüst (1975), é referência para o entendimento da produção cerâmica dos Carajás. Ao entrevistar os ceramistas da aldeia Carajá da aldeia Aruanã, localizada no município de Aruanã, no estado de Goiás, Wüst estabeleceu uma transformação precisa entre o grupo étnico dos Carajás e o sítio arqueológico GO-JU-41, confiável para a análise dos materiais cerâmicos da região e para uma compreensão aprofundada das técnicas utilizadas na produção cerâmica dos Carajás, incluindo a preparação do barro, a modelagem, a decoração e a queima das peças. Além disso, a autora identificou a relação entre a cerâmica e a organização social dos Carajás, enfatizando a importância da produção de cerâmica para a economia e o cotidiano da comunidade.

Por meio da análise das peças cerâmicas recuperadas no sítio arqueológico GO-JU-41, Irmhild Wüst foi capaz de identificar semelhanças entre a cerâmica contemporânea produzida por Carajás e a cerâmica pré-

colonial da região. Esta comparação, além de permitir uma melhor compreensão das técnicas e estilos de produção utilizados ao longo do tempo, pode também revelar mudanças e permanências na produção cerâmica carajá ao longo dos séculos. Dessa forma, o estudo etnográfico de Irmhild Wüst foi fundamental para a compreensão da produção cerâmica dos Carajás e sua relação com os sítios arqueológicos da região, como o GO-JU-41, permitindo uma análise mais precisa da produção e utilização da cerâmica pelos Carajás ao longo do tempo.

(...) a analogia etnográfica pode, sem dúvidas, levar a uma série de sugestões sobre certas evidências arqueológicas que sem isto permaneceriam obscuras e pode contribuir ainda para o levantamento de hipóteses que posteriormente serão testadas sobre o material arqueológico. (WÜST, 1975, P. 98).

Os estudos etnográficos contribuem significativamente para a compreensão dos processos que cercam a funcionalidade e fabricação de objetos cerâmicos, no entanto, o trabalho etnográfico realizado por Wüst (1975), teve também o propósito de fornecer dados quanto a distribuição espacial dos vestígios, movimentos migratórios, padrão de assentamento.

A comparação deste material com os dados obtidos dos sítios da Fase Aruanã, localizados numa área vizinha, pode nos fornecer dados importantes quanto à interpretação da antiga distribuição espacial, movimentos migratórios, mudanças ocorridas no padrão de assentamento e da cultura material, - predominante da cerâmica. (WÜST, 1975, p. 98).

É evidente no trecho acima a importância da análise de materiais cerâmicos encontrados em áreas próximas ao sítio arqueológico estudado para entender a distribuição espacial, os movimentos migratórios, as mudanças no padrão de assentamento e a cultura material predominante da cerâmica ao longo do tempo. Por meio dessa análise comparativa, é possível obter uma compreensão mais completa das mudanças culturais e históricas ocorridas na região e nas comunidades indígenas que habitam.

Ainda que as sociedades indígenas tenham passado por diversas mudanças ao longo dos anos, como o contato com a sociedade brasileira proveniente da invasão dos colonizadores europeus e da adoção de ferramentas de metais, diversas práticas e modos de fazer se conservaram entre os povos indígenas que podem ser correlacionadas ao período pré-colonial. Por exemplo, a produção de um vasilhame cerâmico denominado



pelos Carajá de "boeti, este objeto, no momento da pesquisa realizada por Wüst (1975), estava preservada por quatro mulheres da etnia Carajá, demonstrando a importância da manutenção dos conhecimentos e técnicas tradicionais. O "boeti" é um vasilhame de aproximadamente 40 cm de altura, usado para armazenar água, cujo gargalo é decorado com pintura vermelha ou branca e desenhos geométricos.

A associação direta entre um sítio arqueológico e um grupo étnico nem sempre é possível de ser estabelecida de forma clara. Entretanto, ainda assim, essa associação é de grande importância para a compreensão das mudanças ao longo do tempo, bem como para a análise detalhada dos processos de deslocamento e permanência dos grupos pré-coloniais. Ao identificar correlações entre um sítio arqueológico e um grupo étnico específico, é possível analisar de forma mais precisa como as técnicas de produção se desenvolveram e se modificaram ao longo do tempo, oferecendo uma visão mais clara sobre a transformação dessas sociedades.

Em conjunto, a análise dos sítios arqueológicos e a investigação dos deslocamentos oferecem uma visão mais completa e complexa sobre os grupos arqueológicos, é possível observar a dinâmicas de suas trajetórias ao longo do tempo, permitindo-nos reconstruir não apenas os movimentos geográficos dos grupos, mas também compreender as mudanças sociais e culturais desses deslocamentos. Dessa forma, a análise dos sítios e dos deslocamentos arqueológicos proporciona uma compreensão regional e dos biomas e das transformações que passaram os grupos Pré-Coloniais. Portanto, os estudos de deslocamento arqueológico são necessários para compreender as mudanças dos grupos ao longo do tempo. Ao analisar os padrões de deslocamento e migração de comunidades antigas, Brochado foi capaz de identificar adaptações a novos ambientes, relações com outras comunidades e, provavelmente, o desenvolvimento de novas práticas culturais.

O autor José Proenza Brochado (1991), busca apresentar uma síntese sobre o povoamento do território brasileiro no período pré-colonial. Segundo o autor, durante as décadas de 60 e 70 os pesquisadores atuantes no leste do Brasil levantaram um grande número de sítios e os agruparam em Fases e

Tradições, faltando, no entanto, elaborar uma tese que pudesse compreender o povoamento da América do Sul.

As rotas migratórias de dois importantes tradições ceramistas, os Guaranis e os Tupinambás, que partiram da região amazônica e percorreram grandes extensões de terra até se encontrarem nas regiões do sul da América, durante as quais foram se espalharam lentamente um em direção ao outro, deixando para trás sítios arqueológicos que graças ao seus pesquisadores, puderam ser submetidos a datação por rádio carbono e muito contribuíram para a compreensão da transmissão cultural de forma ampla, dadas as transformações evidenciadas pelas viagens de longa distância e suas relações com o troncos linguísticos conhecidos hoje. Brochado (1991) em seu trabalho utiliza dos estudos de deslocamento e cronologia, no qual, associa a Tradição Uru a grupos Carajás, essa abordagem sugere que os povos atuais foram formados por relações culturais e influências entre diferentes grupos Pré-Coloniais ao longo do tempo.

Outro desenvolvimento ainda mais tardio, foi o da tradição Uru (O limite extremo sul da expansão desta tradição foi alcançado cerca do A. D. 1.000, e ela representa claramente a expansão colonizadora dos Carajá nesta direção) (BROCHADO, 1991, p. 86).

O autor não especifica a associação entre a Tradição Uru e grupos Carajás, porém é possível identificar a relação desses dois grupos em trabalhos etnográficos como por exemplo o de Irmhild Wüst (1999), futuramente abordado nesse trabalho.

Esse longo processo de entendimento dos deslocamentos dos grupos Pré-Coloniais possibilitou evidenciar mudanças nas formas e dimensões das vasilhas, ainda neste trabalho, é levantado a hipótese de que essas alterações estariam diretamente ligadas as variações dos regimes alimentares desses grupos. Na visão do autor, evidentemente, esse processo foi mais eficiente em atribuir tradições a sítios do que de fato montar com eficiência um mapa que esclarecesse as rotas dos povos pré-coloniais americanos.

Para entendermos melhor os efeitos do contato entre grupos pré coloniais, o trabalho de Robrahn (1996), é um estudo arqueológico que visa entender as transformações das tradições ceramistas na região do Brasil

Central. O trabalho analisa a cerâmica de sítios arqueológicos em diferentes regiões da área, buscando identificar padrões de mudanças e desenvolvimento das tradições ceramistas. O estudo examina a distribuição geográfica e a temporalidade das tradições ceramistas, a fim de entender como elas se espalharam ao longo do tempo. Além disso, a autora explora as possíveis origens das tradições ceramistas na região, examinando as influências externas e as trocas culturais que podem ter ocorrido ao longo do tempo.

A autora realizou a análise de 47 sítios Ceramistas em um sistema de conjuntos nos quais os resultados possibilitaram discussões a respeito das similaridades entre as tradições selecionados e também forneceram resultados relacionados aos possíveis contatos que foram evidenciados no entendimento das formas dos vasilhames resultantes das pesquisas.

Robrahn (1996), trabalhou séries de sítios arqueológicos localizados na região do Brasil Central. Esses sítios foram selecionados com base em critérios como a presença de cerâmica pré-colonial, a distribuição espacial dos sítios e a possibilidade de obtenção de dados relevantes para a análise do desenvolvimento da ocupação ceramista na região. Foram utilizados diversos métodos de análise para investigar a produção de cerâmica pré-colonial na região, que incluiu uma análise minuciosa de sítios arqueológicos na região. A autora levou em consideração diversos fatores, como a distribuição espacial dos sítios, os tipos de cerâmica encontrados, a presença de outros remanescentes e estruturas, e os possíveis contextos históricos e culturais relacionados a esses sítios.

A autora realizou um levantamento de análises tipológicas realizadas no estado de Goiás e Mato Grosso, que permitiram identificar diferentes tipos de cerâmica pré-colonial encontrados na região do Brasil Central, levando em consideração características como forma, decoração, acabamento e material utilizado na produção das peças. A análise estatística também foi empregada para investigar os dados coletados, com o objetivo de identificar padrões e relações entre os diferentes sítios arqueológicos e tipos de cerâmica encontrados na região.

Além disso, a autora utilizou informações etnográficas, que são informações sobre as culturas e práticas dos povos indígenas contemporâneos da região do Brasil Central, a fim de compreender melhor os possíveis contextos históricos e culturais relacionados à produção de cerâmica pré-colonial na região, que não poderia ser obtida apenas com a análise arqueológica

Dentre os sítios analisados, 13 são sítios identificados como pertencentes a tradição Uru e 3 são sítios na região de Jussara (GO-JU-16, GO-JU-23 e GO-JU-34), no entanto, o sítio GO-JU-07, de interesse do presente trabalho de conclusão de curso não foi mencionado.

De acordo com a autora, a cerâmica Uru, produzida na região central do Brasil, utiliza principalmente antipáticos de origem vegetal que possuem semelhanças com as tradições da região amazônica. Isso sugere a possibilidade de que esse conhecimento de antipáticos tenham chegado à região central através dos vales dos rios Xingu e Tapajós, utilizando uma navegação fluvial como meio de transporte. Ainda que não haja uma relação precisa entre os grupos agrícolas do oeste e a ocupação amazônica, as características da cerâmica Uru remetem à região amazônica. A autora faz essa afirmação comparando com características gerais dos sítios da tradição Incisa-Ponteadada, que foram estudadas por Miller (1983, 1992), Simões e Araújo Costa (1987), Simões e Gentil Corrêia (1987), Simões e Machado (1987).

Podemos destacar como importante observação advinda da análise do material Cerâmico Aratu e Uru no trabalho de Robrahn (1996) o trecho a seguir:

As mudanças por que cada grupo teria passado sugerem, assim, uma natureza diversa: enquanto os ceramistas Aratu modificam seus padrões a partir de estímulos externos, os ceramistas Uru indicam transformações decorrentes de um desenvolvimento interno (GONZÁLEZ, 1996, p.193).

O trecho resulta em um observação proveniente do estudo da tradição Uru a partir da análise do material cerâmico, no qual foi possível identificar características comuns entre a cultura material dos 13 sítios estudados. O conjunto Uru é descrito como o mais homogêneo entre todos os conjuntos estudados e apresenta características como vasilhames de contorno infletido, direto e pratos, além de bordas de forma direta e infletida e especificidades

simples e expandidas. As variáveis inclinadas para volume, lábio, queima e tratamento de superfície também são semelhantes entre as peças do conjunto Uru. As peças não apresentam decoração, mas possuem engobo e asa/apêndice, bem como bases planas, convexas e com pedestal. Outra característica importante do conjunto Uru é a presença de antiplástico cariapé A. No entanto, os sítios da tradição Uru analisados por Gonzáles apresentam características muito semelhantes, tanto em termos qualitativos como quantitativos e contam com os menores índices de elementos que remetam a indústria externa. (González, 1996, p. 180).

Diferente do visto em Robrahn (1996), no Mato Grosso, os sítios estudados por Wüst parecem evidenciar grupos Urus mais aptos a receber estímulos de indústrias externas, de forma que é possível observar com base nos seus resultados, uma fusão Cultural.

O trabalho de Irmhild Wüst (1999), difere do estudo de Robrahn (1996) em relação aos sítios investigados e aos métodos de procedimentos da pesquisa. Wüst utiliza principalmente uma abordagem etnoarqueológica, que combina informações etnográficas e arqueológicas, a autora utiliza fontes históricas e etnográficas para compreender como ocorreram transformações na sociedade e na cultura Bororo.

Em seu trabalho, Wüst utilizou dados etno-históricos para compreender a interação entre grandes grupos horticultores que possivelmente tiveram contato entre si. Identificou sítios arqueológicos a partir de um levantamento de uma área extensa, por meio de informações orais dos Bororos, pode constatar que os Bororo teriam firmado contato com povos portadores de cerâmica Uru, neste caso, mais suscetíveis a influências externas. Os sítios MT-SL-11, MT-RN-12 e MT-RN-36 sugerem mais do que simplesmente um contato entre os grupos Bororos e aqueles da Tradição Uru, indicando que o grupos ceramistas portadores da tradição Uru podem ter sido incorporados pelos Bororos etnograficamente conhecidos. As análises arqueológicas demonstraram uma fusão cultural nas formas dos vasilhames e na estrutura das aldeias, derivada possivelmente de trocas mútuas entre os aspectos estilísticos e tecnológicos das tradições ceramistas (WÜST, 1999).

É importante destacar que tradições não devem ser confundidas com culturas ou grupos étnicos e que a identificação dessas tradições não implica que todos os pesquisadores que as usaram e produziram compartilharam uma única linguagem ou comunicação. Como pode ser visto no trabalho “Homens Pré-Históricos” de BRAIDWOOD (1985),

Uma tradição resulta de maneira padronizadas ou estandardizadas de produzir artefatos de pedra que tiveram continuidade, sempre com algumas modificações, através do tempo. O reconhecimento de uma tal tradição é, na verdade, uma generalização ou abstração feita por arqueólogos, de modo a agrupar indústrias e conjuntos de artefatos que sejam similares em certos modos definidos. (BRAIDWOOD, 1985, p. 62).

Isso significa que uma tradição é um modo de saber fazer, quando neste trabalho de conclusão de curso é citado as tradições Uru, Aratu, Una, Tupiguarani, Inciso Ponteadada, entre outras, me refiro a grupos que detiveram o conhecimento de manufatura de artefatos com características generalistas.

#### **1.4 Cultivo e processamento da mandioca**

Considera-se como característica da tradição ceramista Uru, a morfologia da cerâmica relacionada ao processamento da mandioca, conforme observado por Brochado (1977), o autor busca compreender o cultivo de raízes tropicais, em especial a mandioca amarga, entrelaçada por grupos de cultivadores na floresta tropical. O autor destaca várias questões relacionadas ao cultivo da mandioca, assim como as etapas envolvidas em seu preparo e os instrumentos utilizados nesse processo.

O cultivo da mandioca é não estacional, considerando que não há uma época específica para o plantio. Sendo, no entanto, plantada no início da estação chuvosa, em regiões com duas estações climáticas anuais bem definidas (BROCHADO, 1977, p. 29).

É importante ressaltar que a mandioca brava contém ácido cianídrico, um composto altamente tóxico para o ser humano, o que requer a adoção de medidas para tornar o alimento seguro para o consumo. Por outro lado, as raízes de variedades não tóxicas precisam apenas de ser descascadas e fervidas ou assadas, o que vai diferenciar o preparo de ambas.

Dessa forma, é possível retirar o ácido cianídrico da mandioca por meio de diversas técnicas, como a exposição ao sol e à fervura em água, seguida de secagem do alimento. Após esse processo, a mandioca pode ser cozida, assada ou torrada, sendo necessário o uso de vasos cerâmicos de pouca altura e fundo plano ou aplanado.

O preparo da mandioca inicia-se pela raspagem da raiz para transformá-la em polpa, com instrumentos com gume ou dentes, podendo ser de madeira, pedra ou concha, ou ainda com o auxílio de um ralador, placa de madeira com lascas de pedra, madeira, concha ou osso, dentes de animais, espinhos resistentes ou espinhas de peixe, embutidos, ou uma placa de pedra ou coral, naturalmente áspera. Por último, a raiz pode ser cortada em pedaços e socada em um pilão. A mandioca também pode ser transformada em polpa por meio de fermentação, neste caso, as raízes são deixadas em imersão em água por vários dias.

Em seguida, a polpa é espremida, para este procedimento são utilizados os cilindros feitos de fibras de palmeiras dos quais são comuns os tipitis. Mas podem ser também torcidos dentro de peneiras ou esteiras. Por fim a polpa é seca e em seguida “cozida, assada ou torrada ao fogo dentro de recipientes especiais de cerâmica, de pouca altura e fundo plano ou aplanado, ou completamente raso, semelhantes a alguidares, tigelas ou pratos.” (BROCHADO, 1977, p. 33).

O resultado é uma variedade de farinhas de grãos maiores ou menores, ou ainda, pulverizados, de cores também variadas.

Em seu aspecto formal, os utensílios cerâmicos são caracterizados por Brochado como:

Base: completamente plana, aplainada ou apenas levemente convexa;

Paredes: muito baixas, apenas vestigiais ou inexistentes. Neste último caso o recipiente se resume a um simples disco plano;

Boca: mais comumente circular, mas às vezes elipsoide ou quadrangulóide, em projeção horizontal. (BROCHADO, 1977, p. 48).

Quando às dimensões, para vasos circulares, o diâmetro é sempre maior que a altura do vasilhame, havendo a ocorrência de pratos ou assadores onde a altura do vaso pode se igualar a zero.

### **1.5 Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú**

Segundo Melatti, em sua obra “Curt Nimuendajú e os jê” (1985), o pesquisador Etnólogo Curt Nimuendajú, dedicou sua vida para contribuir com seu conhecimento para o entendimento dos povos indígenas que habitaram e habitam a América do Sul.

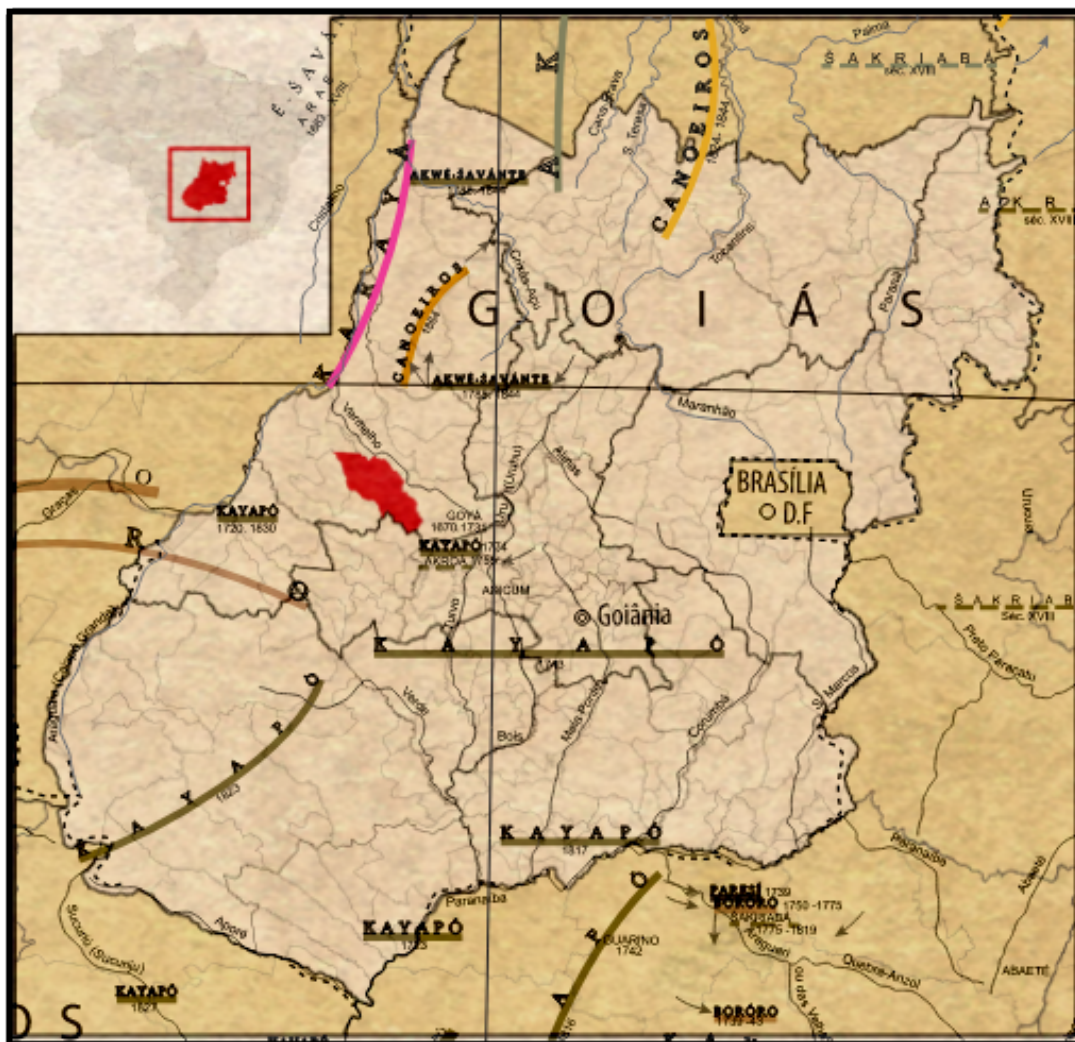
Nimuendajú ampliou suas pesquisas para a região amazônica, dividindo-se entre os índios da Amazônia oriental, abrangendo áreas como o leste do Pará, Maranhão e Amapá, e a Amazônia centro-meridional, explorando o médio Xingu e o rio Madeira. Nessa fase, ele se envolveu com diferentes grupos indígenas, coletando informações valiosas sobre suas tradições, línguas e modos de vida. Nimuendajú expandiu suas atividades, envolvendo-se em escavações arqueológicas e continuando seus levantamentos etnográficos nas regiões exploradas anteriormente. A partir de 1928 até 1940, sua pesquisa foi dominada pelo estudo dos grupos Jê centrais e setentrionais. Durante esse período, realizou diversas visitas aos indígenas do Nordeste e do Leste do Brasil, aprimorando ainda mais suas análises etnográficas e linguísticas (MELATTI, 1985).

Segundo Melatti (1985), Kurt Unckel (Curt Nimuendajú), nos últimos anos de sua vida (1941-1945), concentrou-se no trabalho com os Tukúna. Apesar de enfrentar problemas de saúde, continuou suas pesquisas e produziu importantes trabalhos, como o Mapa Etno-histórico, aonde Nimuendajú compilou informações etnográficas, linguísticas e históricas, utilizando dados coletados em suas expedições e pesquisas de campo em várias regiões do país. (Figura 4)





Figura 5 - Mapa do Município de Itapirapuã sobreposto no mapa Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú.



Fonte: Mapa Sobreposto da Figura 3 e 4. Adaptado de: NIMUENDAJÚ (1943), ABREL (2006) por Higor Gabriel da Serra (2023).

Observando o Mapa (Figura 5), podemos concluir que em período histórico, os Grupos Akwe-Savante, Karayá (Carajá), Canoeiros, Kayapô (Caiapó) e Bororos estavam vivendo na região circundante àquela aonde se situava o sítio arqueológico GO-JU-07, portanto é possível que os grupos Akwe-Savante, Canoeiros e Caiapós tenham, eventualmente, sido derivados de processos de interação com os grupos que detinham o “saber fazer” denominado de tradição Uru, assim como observado nos trabalhos de Wust (1975-1999) com os Bororos e Carajás. Essa afirmação, no entanto, precisa ser sustentada por pesquisas direcionadas a este objetivo.

Este levantamento em fontes bibliográficas sobre a tradição Uru, certamente não abordou todas as pesquisas que contribuíram para a definição desta tradição ceramista, mas permitiu compreender a constituição dessa tradição por meio das referências de Schmitz e Barbosa, Wüst (1975-1999), Brochado, Robrhan e Nimuendajú entre outros que também contribuíram com o assunto. No próximo capítulo, serão discutidos os referenciais teóricos e metodológicos para o desenvolvimento da proposta deste TCC.

## **2 CAPÍTULO 2. DIRETRIZES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NO ESTUDO DA TRADIÇÃO URU**

O processo de investigação histórico-culturalista é uma abordagem arqueológica que tem como objetivo compreender a variação da cultura material de sociedades passadas e sua distribuição geográfica e cronológica, tomando a migração e difusão como explicação para as variações perceptivas. No Brasil, a metodologia histórico-culturalista foi implantada pelo casal norte americano Megger e Evans na década de 1965 por meio do PRONAPA:

Como consequência do seminário dirigido pelos Evans no Paraná, elaborou-se um grande projeto de âmbito nacional, agrupando o Museu Paraense Emílio Goeldi e a maior parte dos pesquisadores isolados do sul e do nordeste. Este Projeto Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), montado em colaboração com a então Secretaria (agora Instituto) do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e a Smithsonian Institution, norte-americana, pretendia promover durante os anos de 1965-1971 prospecções e testes (pequenas escavações rápidas) visando elaborar, sem demora, um quadro geral das culturas brasileiras. (PROUS, 1992, p. 15-16).

Em Goiás, o desenvolvimento de um programa de pesquisa arqueológica começa em 1972 com a orientação de Igor Chymz e Pedro Inácio Schmitz, a Universidade Católica de Goiás (atualmente, PUC Goiás) inicia o Programa Arqueológico de Goiás tendo o apoio institucional do Instituto Anchietano de Pesquisas e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (SCHMITZ e BARBOSA, 1985).

O referido programa tem orientação histórico culturalista observando a caracterização de artefatos em tradições e a dispersão espacial das variadas

particularidades formais e estilísticas, criando áreas de fronteira e contatos extra-grupais (SCHMITZ e BARBOSA, 1985).

Em termos temporais, os sítios são investigados quanto à implantação no ambiente que também pode sugerir mudanças ao longo do tempo. Segundo Schmitz e Barbosa (1985), a metodologia aplicada teria base “histórico-ecológica” se espelhando no PRONAPA, certamente fazendo referência à preocupação com o ambiente em que os sítios estavam assentados e a oferta de recursos para o desenvolvimento da população pré-histórica, conforme a orientação da arqueologia ecológica seguida por Meggers (GOMES, 2002).

O processo de investigação de uma área inicia-se com a identificação de sítios arqueológicos por meio de método oportuníssimo quando se faz coletas aleatórias de vestígios. Uma vez identificados os sítios, é realizada a coleta sistemática de superfície e escavação de uma ou mais áreas com a finalidade de caracterizar o sítio arqueológico e coletar material para análise. A partir dessa coleta, é realizada a análise tipológica, morfológica, com especial interesse nos antiplásticos.

No entanto, essa abordagem carece de uma análise mais aprofundada, que considera a produção ceramista como parte de um sistema de subsistência, levando em conta aspectos como a organização social, econômica e ambiental das sociedades estudadas.

As mudanças culturais eram frequentemente associadas a fatores externos rotulados como migração e difusão. Segundo Trigger (2004), isso ilustra um dos maiores fracassos dos arqueólogos histórico-culturalistas: a recusa em estender o interesse pelas mudanças culturais à consideração das propriedades dos sistemas culturais que possibilitam a inovação ou a aceitação de inovações vindas de fora.

O processo de investigação do Histórico Culturalismo, que se preocupava com a dispersão regional da cultura arqueológica e transferência de cultura via contato, teve um impacto significativo nos estudos arqueológicos realizados na região de Goiás nas décadas de 70 e 80. Este período foi marcado por uma série de pesquisas realizadas por Schmitz e outros, que se concentram na permuta de objetos e tecnologia, especialmente na cerâmica e

no material lítico. Como destacado no artigo de Viana et al. (2013), que traça um panorama das pesquisas arqueológicas realizadas na região de Goiás nos últimos 2.000 anos, Schmitz foi responsável por grande parte dessas pesquisas, o que evidencia a importância do Histórico Culturalismo para a arqueologia brasileira.

No que diz respeito a tradição Uru, sua origem está evidenciada aproximadamente em 1000<sup>1</sup>, e os sítios se localizam principalmente nas bacias Tocantins e Araguaia. É possível que sua origem esteja relacionada aos grupos do Alto Xingu, chegando à região do Mato Grosso pela região do Rio Guaporé, e em Goiás pelo Rio Tapajós/Tocantins. Os sítios da tradição Uru geralmente apresentam grandes dimensões, variando de 115.000 m<sup>2</sup> a 8.800 m<sup>2</sup> distribuídas em formas lineares, circulares ou semicirculares (VIANA, S A *et al.*, 2013).

Grandes tigelas com bordas reforçadas, vasos de contorno simples ou infletido, contendo tigelas rasas, assadores, são características gerais dos vasilhames encontrados nesses sítios e a base plana é um elemento recorrente, carimbos, rodela de fuso, apêndice em asa, suporte de panela e bastão também são elementos que caracterizam a tradição Uru (SCHMITZ, 1982; ROBRHAN, 1996; WUST, 1992; BROCHADO, 1991).

(...) os vasilhames abertos apresentam as paredes mais espessas e queima compacta, o que demonstrou preocupação dos ceramistas com a resistência das paredes e a vida útil do vasilhame; os assadores além das características mencionadas apresentam aditivos “grossos”, o que colabora na resistência ao choque térmico e, no caso da areia, contribui para a transmissão de calor. As paredes dos vasilhames com gargalos não são muito finas o que colaboraria para a resistência ao choque. (VIANA, S, A *et al.*, 2013, p. 126).

Em análises mais recentes, são abordadas questões referentes a uma visão mais detalhada do contexto que cerca o material arqueológico. É interessante observar no trabalho: “Goiás na rota (invertida) do tempo: Ocupações em sítios arqueológicos litocerâmicos” (VIANA, S, A *et al.*, 2013), referente ao sítio Quebra Pau 2, a possibilidade de partir de análises espaciais das estruturas arqueológicas, foi possível inferir sobre as práticas sociais e

---

<sup>1</sup> AP - “Antes do presente”, Datação Utilizada comumente na Arqueologia tendo como referência de presente o ano de 1950 D.C

rituais que ocorriam no local. Foi verificado que um conjunto de aldeias apresentava diferentes configurações espaciais, como a semi-circular do sítio arqueológico Lourenço (GO-CA-14), a forma indefinida do sítio Bananeira, a forma alunar do sítio Guará (GO-NI-100) e a forma elíptica do sítio Quebra Pau 2 (GO-NI-83). Os sítios Guará (GO-NI-100) e Quebra Pau 2 estão associados à tradição Uru, enquanto os outros dois estão associados à tradição Aratu.

Na análise dos elementos simbólicos sociais presentes nas aldeias arqueológicas, destacou-se a importância do pátio central como local de controle das lideranças, utilizado para atividades coletivas, como cerimônias religiosas e festivais. Foram encontradas evidências de diversas atividades, como a produção de vasilhames cerâmicos e ferramentas líticas, a pesca e o cultivo de alimentos como o milho e a mandioca evidenciado pela presença de assadores. Além disso, a presença de rodas de fuso, indicando o cultivo e a fiação do algodão, e o uso de erva para inalação (VIANA, S, A *et al.*, 2013).

Ainda no mesmo artigo, na análise das aldeias arqueológicas, a concepção da paisagem foi considerada como uma importante perspectiva analítica. A paisagem envolve não apenas aspectos físicos e geográficos, mas também interfaces cognitivas e auditivas que as pessoas atribuem a um determinado ambiente. Dessa forma, a análise da paisagem permite compreender como as pessoas interpretam e se relacionam com o espaço ao seu redor. Na pesquisa arqueológica das aldeias estudadas, foram observados diversos elementos que evidenciam a concepção da paisagem (VIANA, S, A *et al.*, 2013).

No trabalho “Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do centro-oeste brasileiro: a análise espacial do sítio guará 1 (GO-NI-100), Goiás” de Wust e Carvalho (1996) refere-se a um trabalho arqueológico realizado no sítio chamado GO-NI-100 e enfatiza a importância de interpretar a sociedade sem aderir a abordagens evolucionistas simplistas. Em vez disso, compreender a dinâmica interna das comunidades.

O Trabalho aborda a falta de estudos arqueológicos detalhados sobre grupos ceramistas pré-coloniais no Brasil, especialmente em relação à análise espacial intra-sítio, muitas pesquisas anteriores se concentraram em dados

quantitativos de áreas específicas ou forneceram informações apenas sobre classes específicas de artefatos. Como resultado, há uma falta de informações sobre a variação da cultura material, dificultando a interpretação das organizações sociais.

O sítio GO-NI-100 passou por uma análise intra-sítio, para a realização dessa abordagem é necessário atividades de campo sistemáticas e totais que possam fornecer informações dos aspectos não materiais da cultura. Assim, foi realizada uma coleta sistemática total de superfície em unidades de 4x4 metros, totalizando 20 macro-quadrículas. A maior parte da área de ocupação dos portadores da tradição ceramista Uru foi coletada, abrangendo aproximadamente 75% do sítio. Além disso, foi aberta uma trincheira de 6x2 metros no setor 13, onde o material foi escavado por níveis estruturais de 10 cm de altura (WUST e CARVALHO, 1996).

Portanto, observa-se a importância da análise intra-sítio como uma abordagem analítica poderosa que se refere a uma abordagem que se concentra no estudo e na interpretação dos dados dentro do próprio sítio arqueológico. Em vez de examinar apenas os reservatórios isolados, a análise intra-sítio considera as relações espaciais e os padrões de distribuição e a organização espacial geral do sítio, capaz de fornecer uma perspectiva sincrônica e diacrônica (WUST e CARVALHO, 1996).

Além da análise intra-sítio vista anteriormente, Viana *et al.*, (2011) destaca o uso do cauxi em cerâmica arqueológica: uma questão de escolhas culturais, traz reflexões a respeito do processo de construção do objeto cerâmico, abordando o cauxi como tema central. É utilizado o conceito de Cadeia Operatória para abordar os processos relativos à fabricação de vasilhames, este processo sendo não linear e flexível possibilita o surgimento de variantes em todo o processo de construção do material cerâmico.

Considerando a representação absolutamente expressiva dos objetos nas diferentes esferas das sociedades humanas, entendemos que não somente o produto finalizado, o artefato em si, está em jogo, mas também os atributos que o constituem (as matérias-primas e os esquemas de produção e de utilização. (VIANA, S.A, RIBEIRO, C.V, OLIVEIRA, S.O, 2011, p. 47).

A presença do Cauixi na pasta cerâmica, constitui uma das matérias-primas na produção cerâmica, junto com a argila. Esse antiplástico ou tempero acrescentado à argila, é constatado em diversos sítios arqueológicos, principalmente na Amazônia.

Vemos que a identificação do Cauixi na pasta cerâmica faz parte de um processo de escolhas racionais inserido na Cadeia Operatória, portanto, deve ser considerado como aspecto relevante ligado a produção dos objetos. Além desse, outros procedimentos durante a elaboração dos vasilhames, constituem fator de escolha técnica, como por exemplo a queima do vasilhame.

Retomando ao trabalho de Wust (1975), durante a entrevista etnográfica com a ceramista Carajá, quando questionado ao grupo Carajá de Aruanã quais antipáticos eram utilizados no passado, Wust conseguiu a seguinte resposta:

Quando não conhecia o machado de ferro, - não foi possível derrubar árvore 'cega machado'. Utilizava-se então naquela época o cupim que se encontra nas árvores, mas esse não se encontra nesta região. (WUST, 1975, P.116).

Os membros do grupo indígena mencionaram o uso do "cupim" na produção de cerâmica. No entanto, parece plausível supor que esse "cupim" mencionado pode, se referir ao espongiário de água doce", porém, eventualmente, pela falta de domínio do português, foi chamado de "cupim" devido a sua aparência. O cauixi resultante dos restos mortais de diversas espécies de espongiários de água doce, é um material antiplástico utilizado por várias comunidades indígenas na confecção de cerâmica. A foto abaixo mostra o cauixi preso ao tronco de uma árvore após a estiagem, e há semelhanças marcantes com a aparência do "cupim".



Figura 6 - Restos esqueléticos de espongiários de água doce.



Fonte: Material doado por egressa do curso de Arqueologia/PUC Goiás. Foto: Ludimília de Melo Vaz.

Além da compreensão do contexto do sítio, e a análise do tempero para sua confecção, entender os processos de queima se faz fundamental para compreendermos aspectos relevantes a respeito da cadeia operatória da produção cerâmica, para isso a obra de Rye (1981) foi consultada, tendo em vista que aborda diferentes questões relacionadas ao processo de preparo do Material Cerâmico, permitindo pensar variáveis relativas à queima, como tipo de queima (aberta ou fechada), temperatura, grau de queima, atmosfera, fornos e combustíveis. Ressalta a importância desses processos que irão ditar características próprias das produções, tais como dureza, porosidade e estabilidade (física e química).

Owen Rye aborda em seu trabalho sobre queima na cerâmica diferentes aspectos desse processo. Um dos pontos importantes discutidos é a temperatura. Nas queimas abertas, as temperaturas máximas geralmente não excedem aproximadamente 1000°C. Essas temperaturas limitadas podem ser desejáveis em alguns casos, como quando a cerâmica contém materiais que

são enfraquecidos em altas temperaturas. Assim, o controle da temperatura é fundamental para alcançar o resultado desejado.

Outra consideração relevante é o grau da queima, que pode ser controlado por meio da escolha do combustível utilizado. Diferentes combustíveis queimam em velocidades distintas, afetando a taxa de aumento de temperatura. Os ceramistas muitas vezes pré-aquecem os vasos para remover a umidade livre e reduzir o risco de quebra durante a queima.

A atmosfera durante a queima aberta quando iniciada, é difícil manter uma atmosfera de oxidação completa. No entanto, a posição do combustível e dos vasos antes da queima pode influenciar o fluxo de ar. Adicionar mais combustível durante a queima pode afetar a temperatura e o fluxo de ar, mas é importante lembrar que isso pode reduzir a temperatura no centro dos vasos devido à diminuição do ar disponível.

Compreender esses desenvolvimentos que concerne na construção dos utensílios cerâmicos, auxilia muito na identificação destes processos, servindo como guia para interpretação de marcas deixadas durante o procedimento de fabricação. Rye, sugere ainda outras fontes para a compreensão da cerâmica arqueológica:

As técnicas usadas pelos antigos ceramistas para controlar a queima podem não ser deduzidas através das cerâmicas, mas o discernimento pode ser obtido através dos estudos etnográficos. Por exemplo, como um ceramista decide quando a temperatura máxima desejada foi alcançada? Como um ceramista decide se a queima está procedendo muito rapidamente ou muito lentamente? (RYE, 1981, p. 6).

Conforme enunciado acima, algumas questões na análise do material arqueológico não podem ficar presas apenas ao objeto material em si, mas devem buscar de outras fontes que sejam capazes de suportar, com aceitável grau de coerência, hipóteses que vão além do estudo isolado do material, sendo assim, o autor utiliza dos estudos etnográficos para a compreensão das variantes a respeito da queima dos vasilhames.

Indo além das questões relacionadas as marcas de fabricação, Neumann (2011) propõe uma análise das marcas de uso presentes nos vasilhames de

grupos guaranis, e também propõe pensar a produção e o descarte do material, aponta-se que durante a utilização de peças cerâmicas, diversos processos deixam marcas nas superfícies dos vasilhames, podendo ser abrasivas ou então físico-químicas.

Para identificar a distribuição das marcas, a autora elaborou croquis detalhados das paredes internas e externas das 45 vasilhas remanescentes, demonstrando a explicação entre as marcas. Cada croqui representa uma vasilha dividida em duas partes: a Face 1 interna e externa, e a Face 2 interna e externa. A fim de facilitar a identificação dos pontos de concentração das marcas nas vasilhas, foi estabelecida uma escala de intensidade para as marcas de carbonização e apresentação em relação às marcas próprias da cerâmica. Essa escala permite classificar a carbonização e apresentada como leves, moderadas ou intensas em comparação com as demais marcas de carbonização.

Na cerâmica, seguiu uma abordagem sistemática para analisar e interpretar as marcas presentes nas cerâmicas. Inicialmente, as marcas apresentadas na superfície das cerâmicas foram classificadas em dois tipos principais: marcas abrasivas e marcas físicas-químicas.

As marcas abrasivas são aquelas resultantes de atividades como mexer e servir alimentos, que podem deixar estrias mais grossas, longas e contínuas na superfície interna das vasilhas

As marcas físico-químicas são resultantes de processos físicos e químicos que aparecem na cerâmica durante o uso. Essas marcas incluem depósitos de carbono que ocorrem quando a matéria carbonizada adere às paredes internas das vasilhas durante acidentes de cozimento. O craquelamento também é uma marca físico-química, caracterizada por pequenas rachaduras em teia que se formam na superfície interna quando a cerâmica é usada para cozimento com água abundante, causando a injeção de água nas paredes da vasilha e consequente liberação de vapor, produzida na expansão e fratura da superfície.

Outras marcas físicas-químicas incluem a fuligem, que ocorre devido à deposição de carbono proveniente da fogueira nas paredes externas das vasilhas, a demonstração na parte mais exposta ao fogo.

Os resultados apresentados pela autora são capazes de apontar diferentes sinais que contribuem muito para a análise do material cerâmico, sendo assim, é um material muito bom e didático para o estudo comparativo direcionado a questões relacionadas a função de tais objetos.

Compreender a variabilidade morfofuncional dos artefatos implica em uma análise tecnológica bem orientada, pois, além das marcas de uso, a escolha das matérias-primas e dos tratamentos e acabamentos de superfície determinam especificidades destas vasilhas, e servem como índices para a análise de fragmentos. (Neumann, M.A, 2011, p. 64).

Portanto, entende-se que a função da vasilha é definida antes da produção, e isso implica em características analisáveis, como matéria prima e modificações na superfície do vasilhame.

Neumann (2011), observou que o tipo de alimento preparado em uma vasilha cerâmica deixa marcas específicas. Por exemplo, entre os Kalinga, há categorias distintas de panelas para o cozimento de vegetais e carne, chamadas de "oppaya", e para o cozimento de arroz, chamadas de "ittoyom". As marcas de uso diferem entre essas duas categorias. O cozimento de vegetais e carne, que requer água em abundância, resulta em superfícies internas craqueladas, enquanto a partícula de alimento em suspensão tende a carbonizar na parte mais alta da vasilha, entre os ombros e o pescoço. Por outro lado, o arroz, por ser um alimento pastoso, tende a apresentar carbonização no fundo da panela, onde o calor é mais intenso, ou em pontos específicos, indicando a posição da panela em relação ao fogo.

Por meio dos autores citados, observa-se que é necessário considerar o máximo de variáveis que possam contribuir para a compreender os procedimentos de elaboração dos vasilhames, mas as análises também, podem contribuir com a contextualização das cerâmicas e na compreensão delas enquanto participantes da identidade cultural de quem a produziu.

Mazz (2008), por sua vez, discutindo aspectos tecnomorfológicos através de uma visão mais processualista, utiliza do estudo etnográfico como subsídio para a compreensão dos processos relacionados a fabricação e consumo do material cerâmico. O autor aponta interesses em comum entre a Arqueologia e a Antropologia relativos as relações entre tecnologia e sociedade através do método analógico, e para isso, utiliza de fabricações cerâmicas da atualidade, acompanhando grupos indígenas e observando seus comportamentos a fim de correlacionar com grupos que viveram no passado e obter um melhor entendimento sobre a variabilidade das associações referentes aos vestígios arqueológicos.

O autor, aborda informações etnográficas sobre a fabricação e uso de recipientes cerâmicos pelo grupo amazônico Matis, com foco na economia e no sistema de produção e consumo da cerâmica. Ele destaca a relevância da cerâmica como uma fonte de leituras sobre a relação entre tecnologia e sociedade, especialmente para a Antropologia e Arqueologia Sul-americana. O estudo é baseado em informações de campo coletadas junto aos Matis, um grupo indígena contatado oficialmente pela FUNAI/Brasil em 1976. Os Matis habitam na aldeia Aurélio, no rio Ituí, região oeste da Amazônia. O trabalho procura ir além da analogia, buscando apoiar a interpretação arqueológica das formações econômico-sociais das Terras Baixas da bacia do rio da Prata, são abordados aspectos teórico-metodológicos da abordagem etnoarqueológica e discute informações obtidas em campo. O texto destaca a importância de uma abordagem analógica que relacione a conduta humana à variabilidade dos produtos culturais, bem como a valorização da informação etnográfica no raciocínio arqueológico

Robrahn (1996), realizou um levantamento de sítios cerâmicos da região central brasileira, no total foram encontrados cadastrados 645 sítios identificados por diversos pesquisadores, destes, 47 foram selecionados para a pesquisa.

A reanálise de dados e amostras advindas de 47 sítios Cerâmicos, submetendo-os a diversos testes estatísticos buscando uma maior compreensão da dinâmica sociopolítica de populações através do

entendimento dos atributos tecnológicos, morfológicos e estilísticos de cada indústria pesquisada.

Seu trabalho está muito atento a processos externos, tendo em vista que trabalhou uma região de fortes movimentos populacionais, sejam essas migrações ou outras formas de interação cultural.

A hipótese apresentada pelo trabalho é de que a região Centro-Oeste teria se caracterizado enquanto área de confluência para deslocamentos diversos relacionados a grupos ceramistas (seja deslocamento de informações, objetos e/ou pessoas), oriundos das regiões circunjacentes em período pré-colonial. (ROBRAHN, 1996, p.83).

O enfoque por interações da cultura material com culturas externas fica evidente em todo trabalho de Robrahn, e na análise que busca encontrar origens internas e externas para o produto cerâmico analisado.

(...) o estudo tomou como unidade básica o vasilhame cerâmico enquanto artefato, vetor de informações que conduz principalmente às atividades quotidianas, mas cujo conteúdo sociológico permite discutir sobre esferas não materiais da cultura. Não se considera, portanto, os fragmentos cerâmicos e a análise de seus atributos de maneira isolada, mas sim as relações que mantêm entre si numa forma particular de vasilhame. O interesse se volta ao princípio de organização das unidades, identificadas através dos padrões". (ROBRAHN, 1996, p.85).

Como já visto anteriormente, os artefatos cerâmicos absorvem características íntimas da cultura que o cria, e que dificilmente vai ser enxergado de forma concisa apenas observando os fragmentos do artefato.

A autora conclui dizendo que para evoluir a discussão, é necessária uma maior amostragem de sítios na região e entorno. Acredito que uma metodologia de campo mais assídua poderia suprir de forma mais eficiente os dados necessários para delimitar as características identificativas e dinâmicas culturais presentes na discussão trabalhada.

O trabalho de Bruce G. Trigger (2004) auxilia no entendimento dos processos que levaram o surgimento de uma Arqueologia com métodos de escavação mais eficientes:

“Várias formas de amostragem ajudaram os arqueólogos a compor uma seleção mais representativa de material encontrável em sítios amplos e heterogêneos. Entretanto, a amostragem aleatória veio a ser considerada uma estratégia inicial de escavação a ser suplementada, em estágios subsequentes da pesquisa, por um número crescente de decisões criteriosas sobre quais áreas deveriam ser escavadas. (TRIGGER, 2004, p. 302)”.

A Nova Arqueologia, mesmo que focada em compreender leis gerais e sistemas trouxe consigo métodos estratégicos de amostragens mais sofisticados e eficientes no dever de gerar dados interpretativos a respeito de culturas do passado. Os procedimentos mais recentes poderiam possibilitar uma melhor visualização do contexto arqueológico, proporcionando um maior aproveitamento dos trabalhos realizados em campo, ação que refletiria de forma muito positiva nos trabalhos realizados atualmente na tentativa de compreender os sítios estudados.

O trabalho de Copé e Rosa (2008), apresenta ao leitor uma série de métodos aplicáveis a arqueologia capazes de auxiliar em todo o processo de resgate de dados arqueológicos desde a prospecção aos processos de laboratório.

As autoras descrevem a Prospecção como o momento de obter o máximo de informação possível a respeito da área pesquisada, evidenciar todos os sítios arqueológicos e vestígios isolados, proporcionando assim uma visão do contexto em que se encontram.

A Prospecção pode ser realizada de forma aérea ou então sob a superfície, a primeira utilizada de softwares modernos vinculados a dados de satélites que possibilitam o mapeamento através do Georreferenciamento, já a segunda trata-se de caminhar pela área a ser prospectada, observando mudanças na paisagem e na superfície do solo enquanto se procura evidências arqueológicas. Em áreas pequenas a cobertura total é possível, mas em áreas grandes isso é praticamente impossível e é necessária uma estratégia de amostragem.

A amostragem pode ser oportunista quando se utiliza de informações obtidas de forma oral com as populações locais ou então utilizando de outras pesquisas realizadas na região para determinar áreas de maiores probabilidades com base em outros sítios registrados.

A amostragem probabilística é optada quando há a necessidade de prospectar uma extensa região que carecem de estudos arqueológicos anteriores, nesse método a região é dividida em linhas ou quadros que são escolhidos de forma aleatória para serem prospectados.

A etapa de escavação também conta com métodos importantes que buscam trazer dados detalhados a respeito da distribuição do material arqueológico, mais especificamente dois métodos principais são: Mortimer Wheeler e Escavação por superfície Ampla:

A escavação estratigráfica quando um estrato se sobrepõe a outro, o que está em cima é sempre mais recente que o anterior, portanto, nos dão uma seqüência vertical dos eventos que se acumularam naquele local e um controle de eventuais anomalias que poderiam comprometer a escavação como inversões estratigráficas muito comuns quando ocorrem enterramentos ou quando há fatores de bioperturbação. O método da escavação estratigráfica foi utilizado desde o século XVII, porém é identificado com Mortimer Wheeler que o sistematizou, racionalizou e divulgou. (COPÉ; ROSA, 2008, p. 8-9).

Esse método consiste em delimitar a área através de quadriculas que serão escavadas de forma que permitam a visualização de testemunhos estratigráficos e assim compreender de forma detalhada os processos associados a deposição do estrato.

O segundo método, criado por Leroi-Gourhan, trata-se da escavação horizontal, que se propõe a escavar em uma grande superfície e fazer marcações tridimensionais detalhada dos vestígios encontrados nos estratos, buscando manter o testemunho até que cada objeto possa ser desprendido até a base com auxílio de uma ferramenta (Geralmente pincel ou colher de pedreiro). O objetivo de cada decapagem é evidenciar uma superfície similar a presente na vida dos povos pretéritos, resultando em uma visão etnográfica, sincrônica e cotidiana da estratigrafia, (COPÉ; ROSA, 2008).



Seguir um método de escavação dotado de um teor científico é fundamental para compreendermos um sítio seja ele qual for. Os dados coletados em campo possivelmente são tão importantes quando o próprio material arqueológico, pois uma coleta de dados insuficiente ou deficiente torna o material coletado, por mais relevante que seja desprovido de contexto, independente de quão eficaz for os métodos de análise, sem a conexão do artefato com o meio que foi produzido, dificilmente trará resultados satisfatórios com o compromisso da arqueologia de resgatar o passado.

O aspecto interdisciplinar da arqueologia é importante para entender de forma mais eficiente como viviam as sociedades passadas. Mesmo com a implementação de métodos arqueológicos mais eficazes, ainda é difícil remontar o passado com apenas a visão do arqueólogo. Portanto, a arqueologia utiliza de todas as ferramentas possíveis para contribuir com o conhecimento. Assim surgem espaços na arqueologia, em meio a necessidade de uma visão aprimorada, para uma união com outras áreas do conhecimento.

A Etnoarqueologia, Geoarqueologia, Paleobotânica, Zooarqueologia, Bioarqueologia e Arqueometria, entre tantas outras áreas que são responsáveis também pelo que a arqueologia é hoje, fazem parte de um grande conjunto que trabalha em prol de interpretar dados de uma forma mais especializada, vinculando a arqueologia a outras áreas do conhecimento, seja Ciências Humanas, Ciências da Terra, Ciências Biológicas ou Ciências Exatas.

Neste capítulo, foram apresentados trabalhos iniciais que deram desenvolvimento à arqueologia em Goiás, e estudos mais recentes, que se desenvolvem a partir da abordagem processualista, a fim de dar subsídios para compreensão do sítio GO- tradição Uru

### **3 CAPÍTULO 3. REANÁLISE DO MATERIAL CERÂMICO**

Para a construção desta monografia, foi adotado duas etapas, Gabinete e Laboratório (Análise). A possibilidade de uma etapa de campo se apresentou não viável, tendo em vista as dificuldades de se localizar o sítio em questão diante da ausência de coordenadas, além disso, como pode ser visto

no mapa da figura 1, o sítio se localizada no centro de uma área de plantio com fortes indicativos de transporte do material arqueológico, portanto é provável que muito pouco do campo possa ser aproveitado nos dias de hoje.

### **3.1 Etapa de Gabinete:**

Etapa de Gabinete serviu para iniciar e ampliar os conhecimentos necessários sobre a tradição Uru, assim como de outras tradições de grupos horticultores ceramistas do território brasileiro, com um enfoque maior em grupos cultivadores de mandioca, utilizando dos conhecimentos etnográficos já registrados referentes aos instrumentos cerâmicos utilizados para cumprir as funções alimentares dos grupos cultivadores.

### **3.2 Etapa de Laboratório (Análise):**

Durante a fase de laboratório, o espaço do acervo técnico do IGPA e Instrumentos disponíveis no local foram utilizados a favor de compreender o material arqueológico retirado do sítio GO-JU-07 (Lupa Estereoscópica, Paquímetro e Ábaco).

Todas as 420 peças analisadas tiveram seus Temperos (antipáticos) analisados através da Lupa Estereoscópica e suas medidas retiradas com o Auxílio do Paquímetro. A colagem do material foi feita a fim de obter fragmentos com formas mais precisas.

Bordas e Bases que apresentaram circunferência confiável suficiente tiveram o diâmetro medido pelo Gabarito de Circunferências.

Figura 7- Registro fotográfico da utilização do gabarito para obtenção do Diâmetro de uma Borda.



Fonte: Ramos, (2022).

Figura 8 - Registro fotográfico da Realização da Colagem de Fragmentos Cerâmicos.



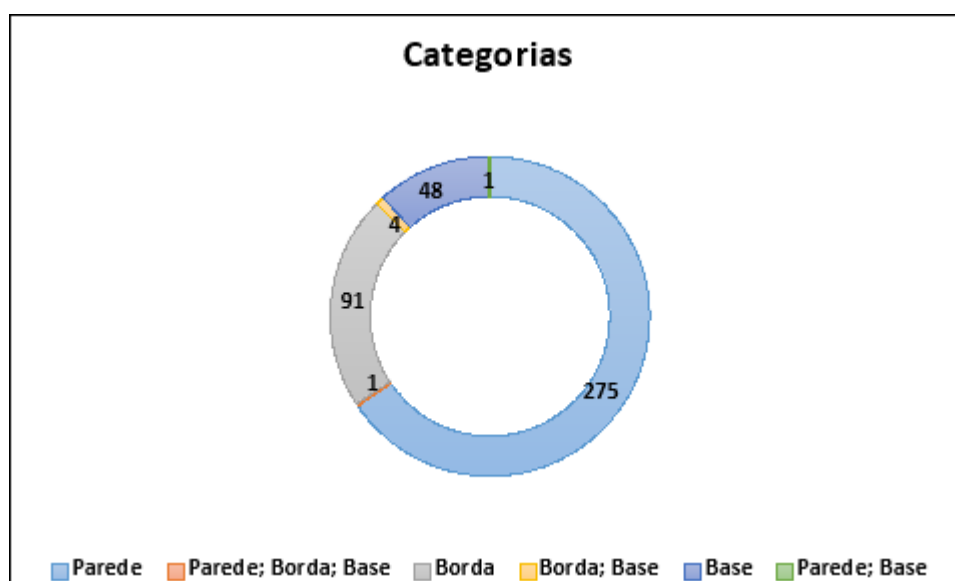
Fonte: Ramos, (2022).

Também foi utilizado um guia de análise com os seguintes tópicos: Número da peça, Classe, Antipático, Técnica de Manufatura, Tratamento de Superfície, Queima, Marcas de Uso, Características de Borda, Características de Base, Decorações, Formas de Vasilhame e Medidas.

### 3.2.1 Análise do Material Cerâmico

No total, 420 fragmentos cerâmicos foram analisados, destes, 275 são fragmentos da Categoria Parede, 91 pertencentes a Categoria Borda, 48 da Categoria Base, 4 da Categoria Borda com Base, 1 da Categoria Parede com Base e 1 da Categoria Parede com Borda e Base. (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Categorias do material cerâmico

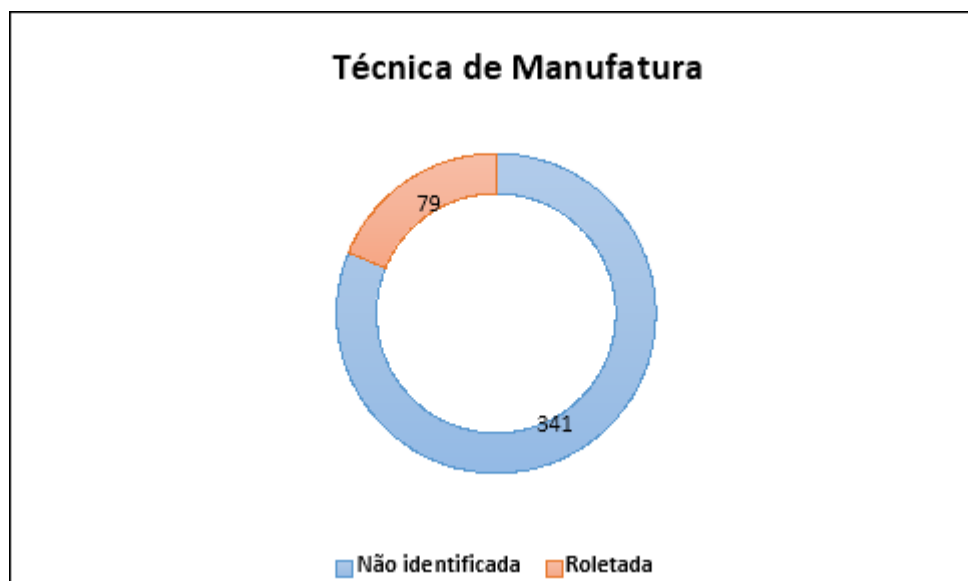


Fonte: Dados produzidos pelo autor (2023).

Dentre todo material analisado, 18,8% apresentaram com clareza a técnica de manufatura “Roletada”, o restante não pode ser identificado. (Gráfico 2). A observação da técnica roletada é observada na quebra do fragmento, que ocorre de forma uniforme, geralmente apresentando o final do rolete ou o negativo do mesmo.

Wust (1975), em seu trabalho etnoarqueológico, observou como é o procedimento de fabricação de um vasilhame Cerâmico denominado pelos povos Carajá de “Boeti”, o processo consistiu na utilização de uma tabua de madeira para amassar o barro, em seguida a adição do tempero, seguidamente a argila é preparada em formato esférico e então amassada para constituir a base, ao fim do procedimento é colocada para secar e só então inicia-se a preparação do primeiro rolete. Uma bola de argila de aproximadamente 10 cm de diâmetro é amassada e girada entre as palmas da mão até obter roletes de aproximadamente 6 cm de largura então são adicionados sucessivamente, seguindo a circunferência até que o formato do Vasilhame esteja de acordo com o esperado.

Gráfico 2 - Técnica de Manufatura



Fonte: Dados produzidos pelo autor (2023).

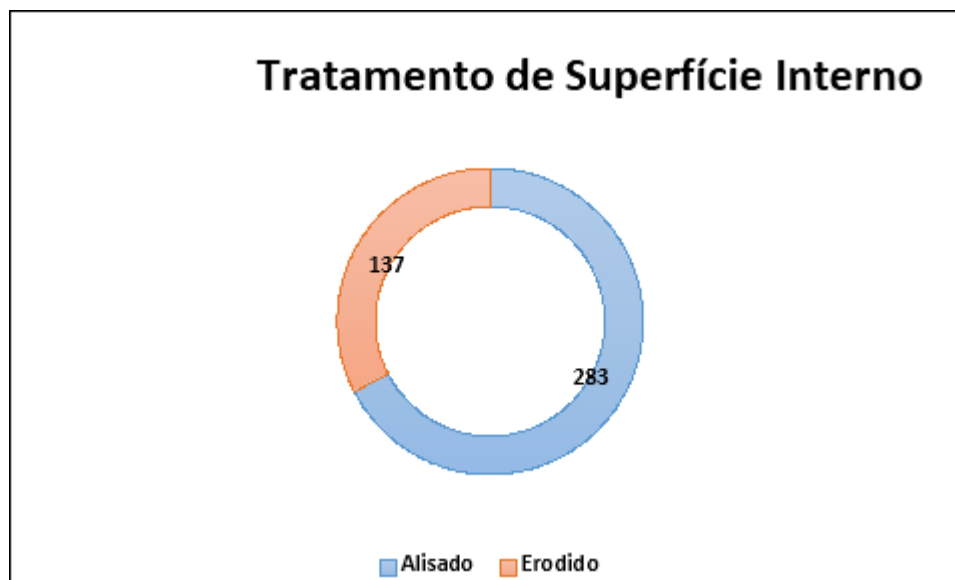
Para o entendimento do tratamento de Superfície, foram separados dois gráficos (Gráfico 3 e 4), o primeiro, referente a superfície interna, e o segundo, externa. É observável que a maioria dos fragmentos apresentam o tratamento: Alisamento, sendo presente em 67% do interno e 82% no lado externo, no restante de ambos foi evidenciado apenas erosão, contendo na superfície dos fragmentos um valor 52,5% maior na parte interna em comparação com a parte externa.

Conforme mencionado anteriormente, no trabalho de Neumann (2011, Distribuição das marcas de uso e especificidades funcionais para a cerâmica Guarani” pré-colonial), as atividades abrasivas, como mexer e servir alimentos, assim como a limpeza das vasilhas, deixam estrias e marcas específicas na superfície interna dos artefatos. Essas marcas abrasivas tendem a desgastar a superfície interna com maior intensidade ao longo do tempo, resultando em um índice de superfície erodida mais elevado nessa área.

Além disso, as marcas físico-químicas, como a carbonização, o craquelamento e a oxidação, também podem contribuir para o desgaste da superfície interna das peças cerâmicas. A penetração de água durante o cozimento com água abundante pode causar o craquelamento e, conseqüentemente, aumentar a vulnerabilidade da superfície interna a processos erosivos. Da mesma forma, a deposição de fuligem proveniente da

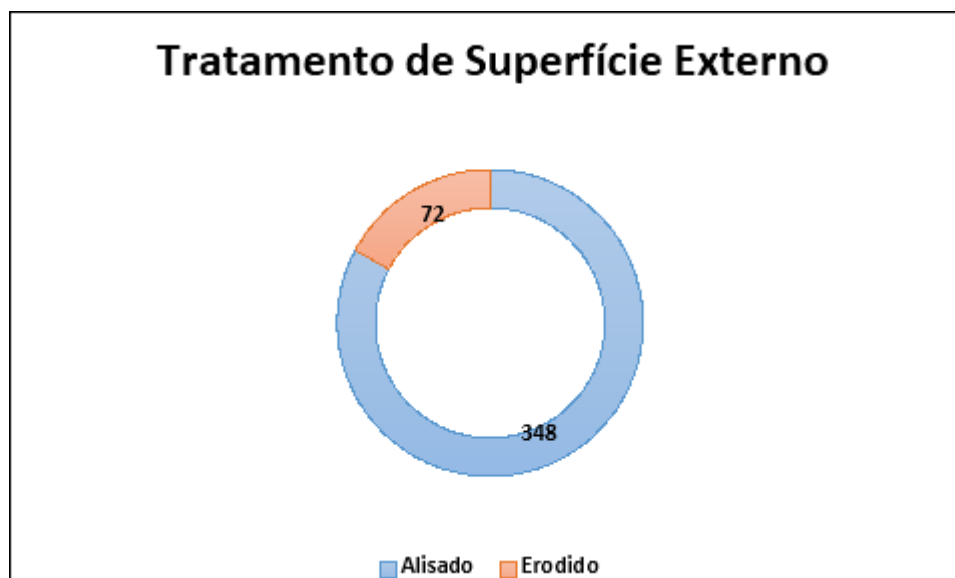
fogueira e a oxidação causada pelo calor intenso podem afetar mais significativamente a parte externa da cerâmica.

Gráfico 3 - Tratamento de superfície interna



Fonte: Dados produzidos pelo autor (2023).

Gráfico 4 - Tratamento de superfície externa



Fonte: Dados produzidos pelo autor (2023).

A queima do processo de fabricação do material também foi analisada, o que evidenciou uma queima 51% predominante de “Seção transversal sem

presença de núcleo, com cor uniforme variando do cinza-claro ao pardo” (Gráfico 5). 26 peças apresentaram Queima 1 (Queima de coloração Ocre), 216 peças apresentaram Queima 2 (Queima de coloração escura, variando do Cinza ao Pardo), 56 peças apresentaram Queima 3 (Fases internas e externas com coloração clara e núcleo escuro central), 111 peças apresentaram Queima 4 (Queima de coloração escura, entre o cinza e o preto), restante, equivalente a 11 peças apresentaram queima incompleta (Queima com a parte interna clara e a parte externa escura).

É provável que a significativa quantidade de queimas redutora, caracterizada pela Queima 4, seja ocasionada devido ao grande índice de material orgânico, tendo em vista o alto índice de Cariapé A e B presentes na Cerâmica.

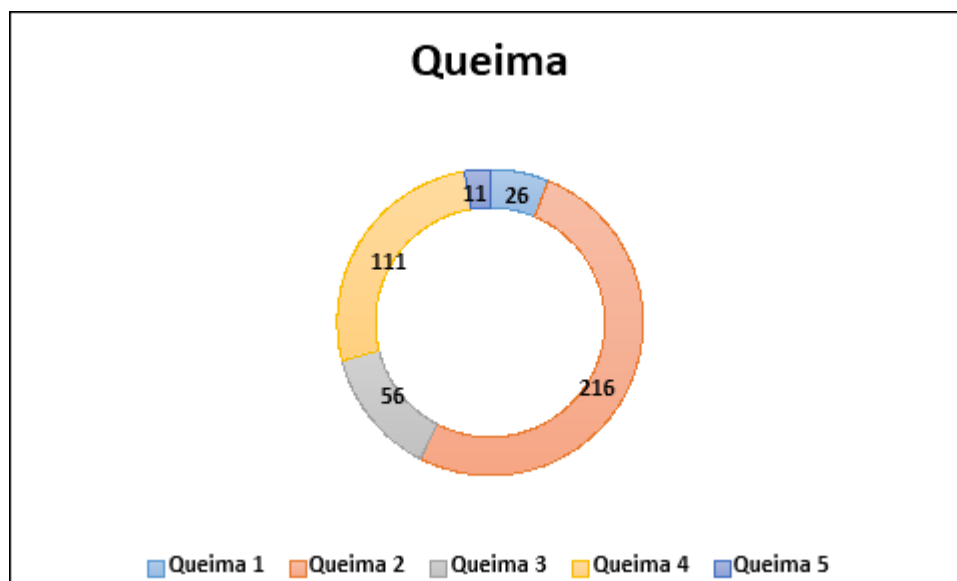
Segundo Owen Rye (1981), quando um corpo cerâmico contendo originalmente material orgânico é exposto a uma atmosfera de redução durante toda a queima, a seção transversal recentemente quebrada pode apresentar uma cor cinza ou preta em toda a sua extensão. Também foi significativamente evidenciado a presença de Queima com Núcleo escuro ou Queima 3, a possível explicação é em cerâmicas queimadas a temperaturas abaixo de aproximadamente 1000°C, os efeitos do núcleo são principalmente devido à remoção do carbono através de uma atmosfera de oxidante, provavelmente no momento em que a queima do combustível está avançada e a fogueira permite maior fluxo de oxigênio.

Durante a queima dos vasilhames cerâmicos, diferentes ambientes desempenham um papel crucial na aparência final. No caso do aquecimento em ambiente redutor, onde o oxigênio é privado, preserva-se um núcleo preto composto por materiais orgânicos não queimados, como evidenciado na Queima 2, conferindo uma aparência aos vasilhames. Por outro lado, na apresentação acima de cerca de 600°C, os materiais orgânicos próximos à superfície são removidos, enquanto o núcleo permanece inalterado, gerando uma diferença de núcleos entre a superfície e o interior do vasilhame, como evidenciado na Queima 3. Quando há redução por tempo suficiente, ocorre a deposição de carbono, escurecendo a superfície sem eliminar a zona de apresentação, gerada em uma aparência única. Por fim, ao remover os



vasilhames do fogo e expô-los rapidamente ao ar, apenas a camada superficial, com cerca de um milímetro de espessura torna-se clara (RYE, 1981).

Gráfico 5 - Tipos de Queima



Fonte: Dados produzidos pelo autor (2023).

Tabela 1 - Tipos de queima

<b>QUEIMA 1</b>	<b>Seção transversal sem presença de núcleo, com cor uniforme, variando do laranja tijolo ao amarelo.</b>
<b>QUEIMA 2</b>	<b>Seção transversal sem presença de núcleo, com cor uniforme variando do cinza-claro ao pardo.</b>
<b>QUEIMA 3</b>	<b>Seção transversal com presença de núcleo central escuro e uma camada interna e externa clara.</b>
<b>QUEIMA 4</b>	<b>Seção transversal sem presença de núcleo, com uma cor variante do cinza-escuro ao preto.</b>
<b>QUEIMA 5</b>	<b>Seção transversal com uma camada clara na parede externa e uma camada escura na interna.</b>
<b>QUEIMA 6</b>	<b>Seção transversal com uma camada clara na parede interna e uma camada escura na externa.</b>

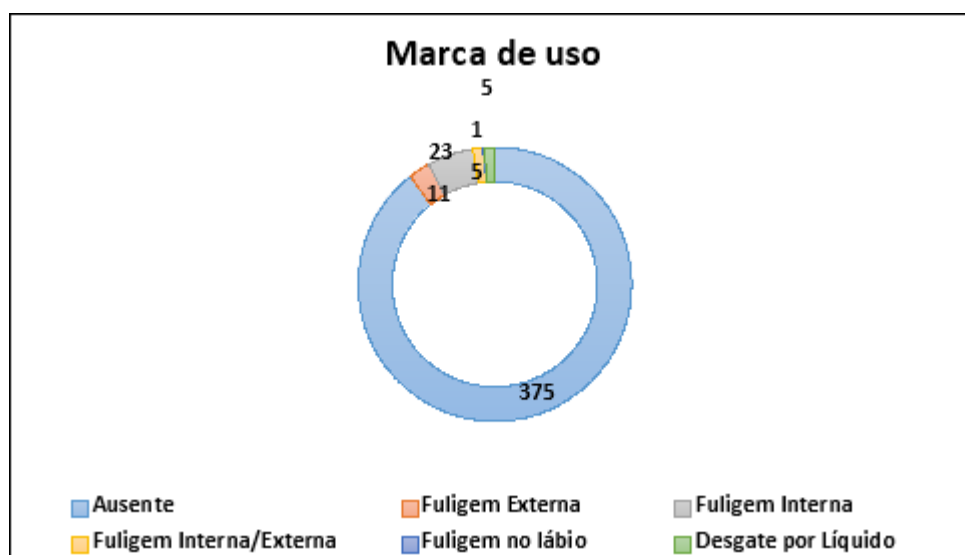
Fonte: González (1996),

O material em geral apresentou poucas evidências de marcas de uso ou outras marcas, é possível que seja devido ao processo erosivo já bastante evidente no material analisado (Gráfico 6).

Observa-se no gráfico que 89,3% das peças não apresentaram nenhuma marca visível, 2,6% apresentaram fuligem na face externa, 5,5% apresentam fuligem na face interna, 1,2% constaram fuligem tanto na face externa quanto na interna. 0,2% apresentaram fuligem no lábio, e 1,2% evidenciaram um possível desgaste por líquido.

De acordo com Neumann (2011), marcas físico-químicas em recipientes, que podem incluir depósitos de carbono formados ocasionalmente pela adesão de matéria carbonizada às paredes internas devido ao preparo de alimentos (crostas). Por outro lado, a presença de fuligem externa pode ser consequência de um processo de deposição de carbono causado pela exposição direta ao fogo. Segundo o autor, a descamação na face interna do recipiente pode ocorrer devido à fermentação de líquidos.

Gráfico 6 - Marcas de uso



Fonte: Dados produzidos pelo autor (2023).

### 3.2.2 Tempero (Antiplástico)

O Gráfico a seguir representa a disponibilidade de antiplásticos encontrados durante a análise geral dos fragmentos do sítio GO-JU-07. É possível observar a absoluta predominância do antiplástico mineral, mesmo que não intencional, os grãos minerais naturalmente fazem parte da composição da argila, destacando-se principalmente os grãos de Quartzo.

Dos 420 fragmentos cerâmicos analisados, foi identificado que 97,38% dos fragmentos continham Cariapé A, totalizando 409 ocorrências. Já o Cariapé B estava presente em 73,33% dos fragmentos, com um total de 308 ocorrências, o cauixi apareceu em 21% das peças, totalizando 89 fragmentos.

Conforme observado, é possível constatar altos índices de utilização de temperos orgânicos, em especial nos grupos Cariapé A e B, os quais fazem parte do processo intencional de preparação da argila. Ademais, esses aditivos podem ser equiparados à adição de Andenadé, obtido a partir da queima da casca e do caule da árvore cientificamente denominada Lythraceae sp. e Physocalymma, conforme estudado por Wüst em 1975, nos grupos Carajá previamente mencionados.

As informações etnográficas coletadas por Wüst (1975) mostram que, anteriormente à utilização de machados de ferro para obtenção do tempero Andenadé na cerâmica, eram empregados cupins que eram queimados e, posteriormente, misturados à argila (Wüst não tece comentários sobre a natureza dos cupins acrescentados à cerâmica).

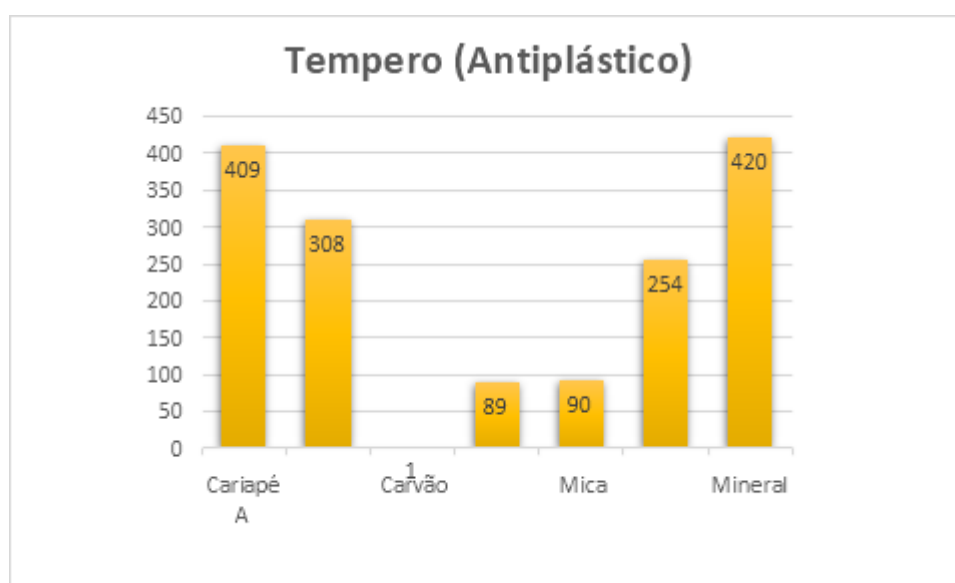
Esses aditivos são considerados fundamentais na produção de cerâmica, pois, segundo os entrevistados, a de sua adição compromete a integridade do vasilhame. Ademais, caso ocorra uma adição em quantidade maior do que o necessário, o vasilhame pode se partir durante o processo de queima. Conforme relatado pelos mesmos, a quantidade adequada a ser adicionada é de 1 para 1, isto é, a mesma quantidade de “barro” e cinzas (WÜST, 1975).

A análise realizada por Wüst (1975) resultou em uma argila cinzenta, gordurosa e com poucas impurezas, fruto desse processo. A Andenadé, por sua vez, resultou em partículas vegetais carbonizadas e células silicosas brancas, caracterizadas como "espícula vegetal". Possivelmente, essa composição vegetal refere-se ao que é conhecido na arqueologia como Cariapé A e Cariapé B.

De acordo com Viana (2011), em seu trabalho sobre a presença de Cauixi em cerâmica arqueológica e as escolhas culturais relacionadas, foi observado que alguns sítios apresentaram uma incidência significativa de

Cauixi em seus fragmentos cerâmicos. Entre esses sítios, destacam-se GO-JU-17 e GO-JU-19, afiliados à tradição Uru, localizados na região do Rio Araguaia, que evidenciaram uma alta quantidade de Cauixi, presente em aproximadamente 90% dos fragmentos estudados. Além disso, a região do Alto Araguaia abriga cinco espécies de esponjas de água doce que habitam as lagoas do cerrado, entre estas: *Metania spinata*, *Dosilia pydanieli*, *Corvomeyenia thumi*, *Radiospongilla amazonensis* e *Trochospongilla variabilis*.

Gráfico 7 - Tempero (Antiplástico)



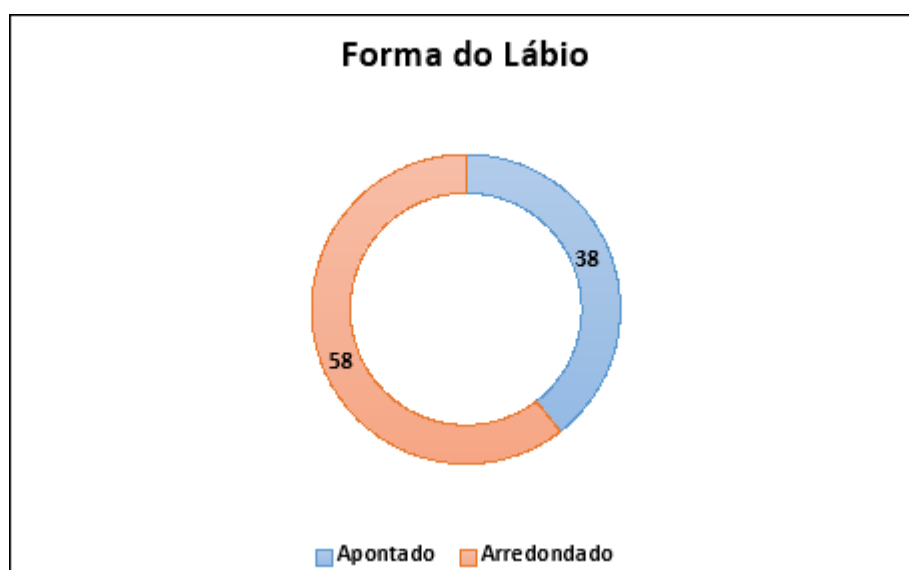
Fonte: Dados produzidos pelo autor (2023).

### 3.2.3 Análise de Borda

O total de bordas observada correspondem a 96 peças. Os gráficos seguintes evidenciam a tendência de forma do lábio, espessura da borda, e forma da borda, dos quais, foram obtidas as seguintes predominâncias, 60,4% apresentam lábio Arredondado, 66,6% apresentam espessamento e 80,2% apresentam forma extrovertida. (Gráfico 7, 8 e 9). A observação destes atributos da borda está relacionada ao aspecto formal dos vasilhames, mas também, correspondem às escolhas técnicas para um melhor desempenho do mesmo. Para esta análise não foram realizados os desenhos das bordas,

sendo utilizado o paquímetro para medição da espessura da borda em relação à parede.

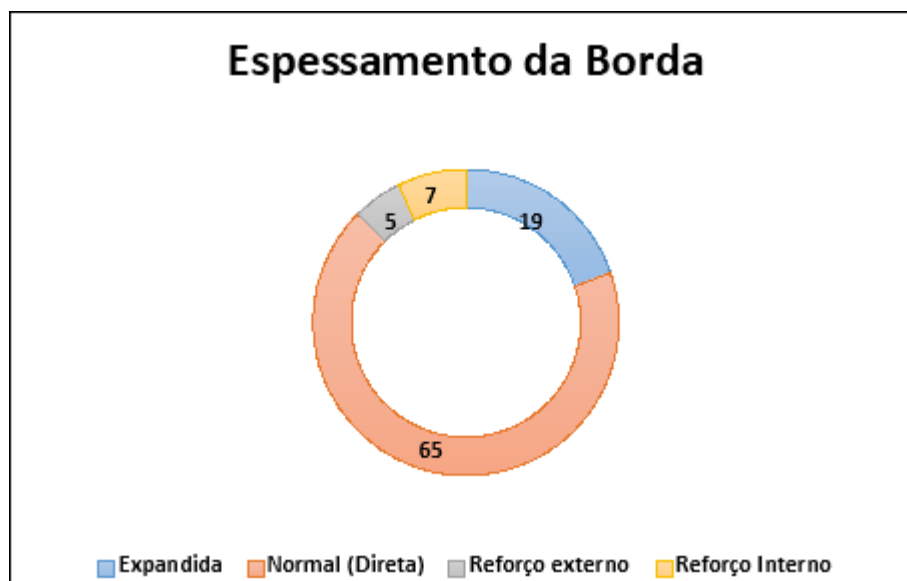
Gráfico 8 - Forma do Lábio.



Fonte: Dados produzidos pelo autor (2023).

O lábio é a extremidade da borda, sendo o arredondado ou apontado o contorno característico.

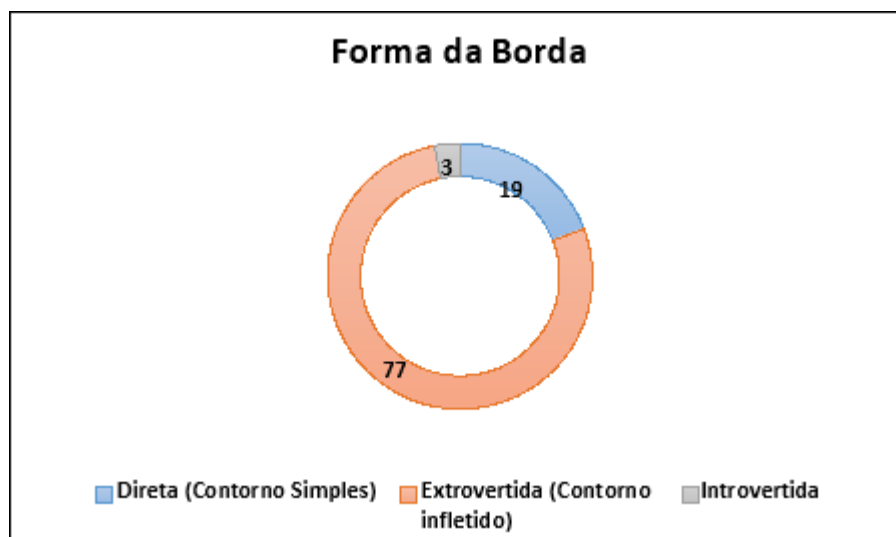
Gráfico 9 - Espessamento da Borda.



Fonte: Dados produzidos pelo autor (2023).

Verifica-se por meio do gráfico a predominância das bordas normais ou simples, quanto à espessura, enquanto as reforçadas, sejam elas expandidas, com reforço interno ou externo, encontram-se em menor número.

Gráfico 10 - Forma da Borda.



Fonte: Dados produzidos pelo autor (2023).

A forma da borda determina o contorno do vasilhame, as bordas diretas são aquelas que mostram a continuação da curvatura do corpo, sem mudança de direção ou formação de ângulo, enquanto a extrovertida apresenta mudança de direção em relação ao corpo formando uma inflexão para fora e a

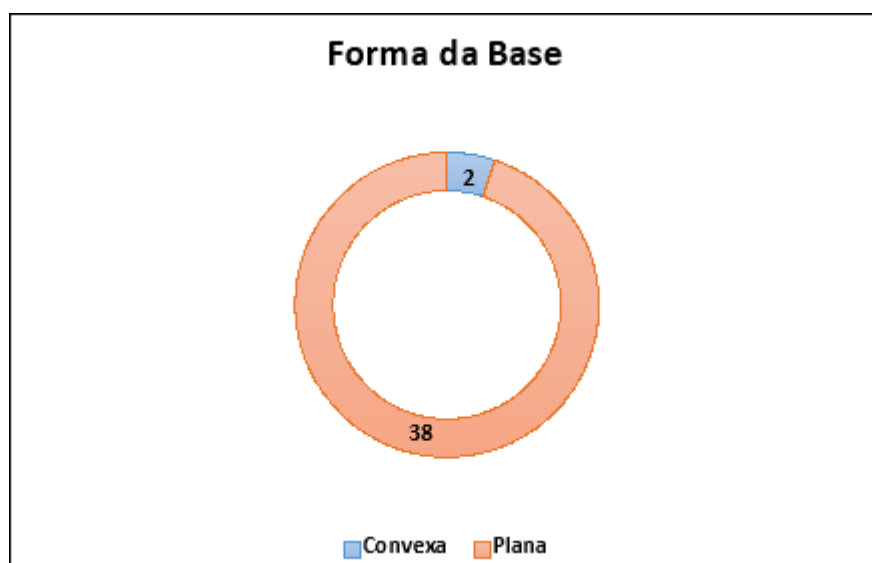
introvertida uma inflexão para dentro. No conjunto analisado, as bordas diretas foram predominantes, em relação às infletidas e extrovertidas.

Estas especificidades podem ser mais bem compreendidas quando relacionadas ao vaso como um todo, sugerindo uma estrutura funcional a partir dos atributos que o compõem, como por exemplo, a inclinação da borda para dentro para reter os alimentos, especialmente os líquidos ou pastosos, e a inclinação para fora para permitir o manuseio do conteúdo (SHEPARD, 1985). As bordas reforçadas, por sua vez, podem ter a intenção de aumentar o desempenho do vasilhame, no transporte ou no manuseio, por exemplo.

### 3.2.4 Análise de Base

Os fragmentos analisados em sua maioria esmagadora apresentaram bases planas. Apenas 2 fragmentos foram evidenciados como convexas (Gráfico 10).

Gráfico 11 - Forma da Base.



Fonte: Dados produzidos pelo autor (2023).

Como visto anteriormente no trabalho de Wüst (1975)”, o procedimento de fabricação de um vasilhame cerâmico Carajá é iniciado com uma grande bola de argila que é achatada, gerando assim uma base plana, correspondendo à escolha técnica destes ceramistas.

Esta análise teve como objetivo principal aprofundar o conhecimento sobre a tradição Uru, através da reanálise do material de acervo do sítio arqueológico GO-JU-07, sob uma ótica processual. A análise desenvolveu metodologia tecno-morfológica, mas percebeu-se de imediato, a necessidade de buscar métodos mais apropriados de pesquisa para a exploração dos vestígios arqueológicos durante a revisitação desse sítio em particular, assim como de outros relacionados ao campo de interesse. Observou-se que, a análise comumente elaborada está focada na compreensão tecnomorfológica dos vestígios, sem entender as interrelações dos atributos dos vasilhames colocando o interesse nos fragmentos e não no vasilhame (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

## **CONCLUSÃO**

Ao longo deste trabalho, foram realizadas diversas etapas de pesquisa e análise. O material arqueológico disponível no laboratório de arqueologia do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás foi examinado. Além disso, foram revisadas todas as documentações disponíveis relacionadas ao sítio GO-JU-07, a fim de obter uma visão mais completa e detalhada do seu contexto e das pesquisas anteriores.

Foi também realizado um levantamento sobre a tradição Uru em fontes bibliográficas, buscando compreender a sua constituição e distribuição espacial dos vestígios no resgate arqueológico. O estudo das atividades de campo do sítio GO-JU-07 resultou em poucas informações, tendo em vista o alto nível de degradação antrópica visível nos contextos do sítio já na década de 1970, o mesmo se encontrava no centro de uma área de plantação, e muito pouco do seu contexto arqueológico foi registrado durante o processo de resgate.

Uma contribuição importante para a caracterização do sítio e da tradição Uru foi a realização de um levantamento das obras que citam os sítios



GO-JU-07 ou trabalhos relacionados a outros sítios GO-JU, e que puderam se correlacionar com o material de estudo. Para isso, foi utilizado trabalhos ligados a tradição Uru que puderam fornecer informações a respeito de características específicas desta tradição, como os trabalhos realizados por Schmitz e Barbosa (1985), para visitar os sítios estudados e definidos como fase Itapirapuã. Os trabalhos etnográficos realizados por Irmihild Wüst nos anos de 1975 e 1999, buscando compreender grupos que uma vez tiveram seus artefatos cerâmicos associados ao saber fazer Uru, como os Carajás, e os Bororos. O trabalho de Robrahn (1996), no qual foi feito um extenso levantamento de sítios arqueológicos pesquisados na região do Brasil central possibilitou um maior entendimento de como grupos do passado se relacionaram com as tradições que os cercavam, portanto contribuiu para o entendimento de como aldeias da tradição Uru se relacionaram com grupos de outras tradições. Brochado também contribuiu para esse trabalho possibilitando entendermos como ocorreu o povoamento do território brasileiro, além de suas pesquisas relacionadas aos processos alimentares de grupos pretéritos, fornecendo um norte para entendermos os processos que cercam a preparação da mandioca para o consumo, geralmente evidenciadas pelos aspectos formais e funcionais da cerâmica arqueológica da tradição Uru.

A tradição Uru é caracterizada por um conjunto de características distintas observadas em sítios de grupos horticultores que viviam em aldeias a céu aberto nas bacias do Tocantins e Araguaia. Esses grupos estavam envolvidos no processamento da mandioca tóxica para consumo humano. A cerâmica associada a essa tradição possui características específicas em sua morfologia e modo de produção. Durante a confecção dos vasilhames, é frequente a utilização dos temperos "Cariapé B" e "Cariapé A", com adição ocasional de cauixi. As formas predominantes dos vasos são pratos e tigelas de base plana, que estão diretamente relacionados à transformação da mandioca tóxica em alimento seguro para o consumo. Além disso, também são encontradas singelas reforçadas, vasos de contorno simples ou infletido e tigelas rasas.

Sobre a origem da tradição Uru, é possível verificar diversas semelhanças com sítios da região do alto Xingu e alto Tapajós, nas formas de

bases em pedestais, formas de gargalo e assadores com bordas reforçadas. Essas características também são observadas em sítios da região amazônica, no baixo/médio Tocantins e no alto/médio Guaporé, geralmente associados a tradição inciso ponteadada. A autora Robrahn Gonzáles, discute em seu trabalho *Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: origens e desenvolvimento* (1996), a hipótese de que esses grupos tenham trazido este conhecimento para o Brasil central por meio de rios como vias de acesso para esses grupos.

A fase Itapirapuã, que está associada a sete sítios localizados nos municípios de Jussara e Itapirapuã. Esses sítios são encontrados próximos a córregos permanentes, preferencialmente em áreas de chapadas, com vegetação de mata, cerrado e cerrado. As aldeias nessa fase são predominantemente circulares, e os vasos cerâmicos encontrados incluem pratos, assadores, tigelas, panelas e jarros. Esses sítios parecem indicar ocupações mais recentes.

Para compreender de forma clara os processos que cercaram o histórico culturalismo no Brasil dos anos de 1970 e 80, foi necessário compreender seus objetivos e metodologia implantada por Meggaers e Evans em 1965 (1970), através de obras como SCHMITZ e BARBOSA (1985) e PROUS (1992), levando ao entendimento que essa corrente teórica objetivava principalmente compreender a variação da cultura material de sociedades passadas e sua distribuição geográfica e cronológica, tomando a migração e difusão como explicação para as variações perceptivas.

Visto a limitação do método citado acima, busquei nesse trabalho autores que apresentavam trabalhos arqueológicos que fugiam do método histórico culturalista, e recorri a referências que abordaram o material arqueológico de uma forma diferentes, buscando ir além da simples tipologia e englobaram questões relacionadas à cadeia operatória de produção (VIANA, et al. 2013), estudos etnográficos (WÜST, 1975 e 1992), interpretação de dados arqueológicos no contexto do próprio sítio arqueológico, em vez de focar apenas em peças isoladas (WÜST e CARVALHO, 1996), além de buscar trabalhos experimentais para compreender como é realizada a queima das cerâmicas, e as marcas de uso encontradas nas peças (RYE, 1981;

NEUMANN, 2011). Através da análise desses elementos, foi possível obter informações valiosas sobre a funcionalidade e o uso das cerâmicas.

Buscando considerar a complexidade e diversidade das culturas humanas. Essa abordagem mais abrangente permite uma compreensão mais precisa dos contextos em que as peças cerâmicas foram produzidas e utilizadas.

Para contrapor o método Histórico Culturalista, abordei neste trabalho os métodos Processualista, tendo em vista que segundo Trigger (2004) e Copé e Rosa (2008), trouxe métodos estratégicos mais sofisticados que contribuíram mais para o entendimento e a avanço da arqueologia brasileira, por meio de diferentes métodos de amostragem, análises físico-químicas, sustentados pela interdisciplinaridade que surge como auxiliar no <sup>2</sup>, possibilitando uma expansão dos horizontes do que anteriormente era a arqueologia (WUST E CARVALHO, 1996; VIANA, *et al.* 2013; RYE, 1981; NEUMANN 2011, MAZZ, 2008).

Durante a análise, foi constatado o uso do antiplástico "cauixi" na produção dos vasilhames cerâmicos. Esse tempero não havia sido identificado em análises anteriores e revela informações valiosas sobre as técnicas de produção utilizadas pelos grupos da época.

Neste trabalho, foi observado no material objeto de estudo características que podem ser atribuídas a tradição Uru, características essas que estão relacionadas principalmente com a morfologia os vasilhames que evidenciam grandes vasilhames extrovertidos de base plana e bordas reforçadas, vasos de contorno simples ou infletido e tigelas rasas. A presença desses vasilhames confirma a associação do material cerâmico associado com a tradição Uru.

Os resultados obtidos ao longo deste trabalho de reanálise do material de acervo do sítio GO-JU-07 contribuíram para o enriquecimento do conhecimento sobre a tradição Uru, permitindo uma melhor compreensão de

---

<sup>2</sup> O processualismo na arqueologia é uma abordagem teórica e metodológica que busca entender as sociedades passadas por meio da análise dos processos culturais e comportamentais. Essa abordagem utiliza métodos científicos para coletar, analisar e interpretar dados arqueológicos. Essa abordagem teve um impacto significativo no desenvolvimento da arqueologia moderna, destacando a importância da teoria e da hipótese testável.

suas características, e como foi observado, distribuída no centro oeste brasileiro.

Este trabalho de conclusão de curso me forneceu bases para pesquisas futuras e para estimular novas abordagens metodológicas na arqueologia, visando uma exploração mais eficiente e uma compreensão mais completa da tradição Uru.

## REFERÊNCIAS

BRAIDWOOD, R. J. **Homens pré-históricos**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1985.

BROCHADO, J. P. Um Modelo Ecológico de Difusão da Cerâmica. **Anais I Simpósio de Pré-história do Nordeste** – Clio, 4, 1991.

BROCHADO, J. P. **Alimentação na floresta tropical**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1977.

COPÉ, S. M.; ROSA, C. A. D. A Arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente: perspectivas teórico-metodológicas. **Projeto Arqueologia e Pré-história do Planalto Sul Brasileiro**. UFRS, 2008.

FUNARI, P. P. **Arqueologia e História: Teoria e Métodos**. São Paulo: Contexto, 2014.

MAZZ, J. M. L. Para uma etnoarqueologia da cerâmica Mati. **Revista de Arqueologia**, v. 21, n. 1, p. 45-60, 2008.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C. **Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica**. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 1970. (tradução de Alroino B. Eble).

MELATTI, J. C. **Curt Nimuendajú e os jê**. Fundação Universidade de Brasília, 1985.

NEUMANN, M. A. Distribuição das marcas de uso e especificidades funcionais para a cerâmica Guarani Pré-Colonial. **Revista de Arqueologia**, v. 24, n. 1, p. 52-64, 2011.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: origens e desenvolvimento. **Anais da VIII Reunião Científica da SAB**, v. 2, p. 233-248, 1996.

RODET, M. J.; DUARTE-TALIM, D.; BARRI, L. F. Reflexões sobre as Primeiras Populações do Brasil Central: "Tradição Itaparica". **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 9, n. 1, p. 81-100, 2011.

RYE, O. S. **Pottery technology: principles and reconstruction**. Washington, DC: Taraxacum, 1981.

SCHMITZ, P. I. *et al.* Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. **Pesquisas. Antropologia**, n. 33, p. 1-281, 1982.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S. **Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás**. Instituto Anchieta de Pesquisas-UNISINOS, 1985.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H. Um sítio da tradição cerâmica Aratu em Apucarana, PR. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 18, p. 47-68, 2008.

SHEPARD, A. O. **Ceramics for the Archaeologist** Washington. Carnegie Institution of Washington, 1985, p. 228-232.

TRIGGER, B. G. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo, Odysseus Editora, 2004.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. GABINETE DE ARQUEOLOGIA. **Anuário de divulgação científica**. Gabinete de Arqueologia da Universidade Católica de Goiás. 1976.

VIANA, S. A.; RIBEIRO, C. V.; OLIVEIRA, S. D. Cauixi em cerâmica arqueológica: uma questão de escolhas culturais. **Revista de arqueologia**, v. 24, n. 1, p. 32-51, 2011.

VIANA, S. A.; VAZ, L. de M.; CASTRO, E. C.; BARBOSA, M. S. S. Goiás na rota (invertida) do tempo: Ocupações em sítios arqueológicos litocerâmicos. OSSAMI, M. M.; VIANA, S. A. **Transversalidade do Conhecimento Científico** Goiânia-GO: Editora da PUC Goiás, 2013, p. 97-154.

WÜST, I. A cerâmica Karajá de Aruanã. **Anuário de Divulgação Científica**, v. 2, n. 2, p. 95-165, 1975.

WÜST, I. Etnicidade e tradições ceramistas: algumas reflexões a partir das antigas aldeias Bororo do Mato Grosso. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Suplemento**, p. 303-317, 1999.

WÜST, I.; CARVALHO, H. B. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do Sítio Guará I (GO-NI-100), Goiás. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 6, p. 47-81, 1996.